



+2.33%  
30 Dec

*Análise Apex-Brasil*  
**CONJUNTURA & ESTRATÉGIA**

Maio 2010



**O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E  
DA CHINA NA AMÉRICA LATINA**

**ApexBrasil**

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO  
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



## Apex-Brasil

**ALESSANDRO TEIXEIRA**

*Presidente*

**MAURICIO BORGES**

*Diretor de Negócios*

**RICARDO SCHAEFER**

*Diretor de Gestão e Planejamento*

**SÉRGIO COSTA**

*Gerente de Negócios*

**MARCOS TADEU CAPUTI LÉLIS**

*Coordenador da Unidade de Inteligência  
Comercial e Competitiva*

**ISABEL CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS**

*Revisora do Texto*

SEDE

Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 11,

CEP 70.040-020

Brasília – DF

Tel. 55 (61) 3426-0202

Fax. 55 (61) 3426-0263

E-mail: [apex@apexbrasil.com.br](mailto:apex@apexbrasil.com.br)

© 2010 Apex-Brasil

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

# O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA NA AMÉRICA LATINA

## Introdução

A primeira década do século XXI consolidou a posição da China enquanto potência econômica global, com capacidade de projetar sua influência nas mais distintas formas. Os relatórios semestrais do Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>1</sup> e de outros órgãos multilaterais e centros de pesquisa já vinham revelando que o crescimento chinês, junto com a expansão estadunidense, seria responsável por mais da metade do ritmo de elevação da renda mundial no período 2003-2008. A crise não reverteu esse quadro; pelo contrário, o vigor da economia chinesa foi reafirmado em 2009<sup>2</sup>, com seu Produto Interno Bruto (PIB) variando em 8,7%. Com projeções de manutenção de um ritmo de crescimento anual entre 9% e 10% nos próximos anos, e considerando as dificuldades das economias maduras, a China seguirá sua senda de recuperação de uma posição hierarquicamente superior na ordem internacional.<sup>3</sup>

Com a eclosão da crise financeira global, amplificada a partir do último trimestre de 2008, analistas internacionais esperavam que a crescente importância da economia chinesa na economia

---

<sup>1</sup> O FMI publica periodicamente o *World Economic Outlook*, da mesma forma que o Banco Mundial publica o *China Quarterly Update*; já a *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD) e o *Bank for International Settlements* (BIS) publicam anualmente o *Trade and Development Report* e o *Annual Report*, respectivamente, entre outras publicações.

<sup>2</sup> A importância crescente desse país asiático torna-se presente ao se constatar o aumento da participação no PIB, medido em paridade poder de compra (PPC) da China em relação ao mundo: em 1990, esse indicador apontava para um valor de 4,2%, ao passo que, em 2009, essa participação alcançou 12,5%. Ademais, estabelecendo uma relação com a economia da União Europeia, nesse último ano citado, a renda chinesa foi apenas 17,5% inferior à renda do bloco econômico como um todo, sendo que, em comparação com o Japão, o PIB (medido em PPC) chinês é duas vezes maior, fixando, também, o ano de 2009 como base.

<sup>3</sup> Sobre a ascensão da China ver: WU JIGLIAN. *Understanding and interpreting Chinese economic reform*. Mason: Thomson, 2005; GOLDMAN SACHS. *BRICs and beyond*. The Goldman Sachs Group, Global Economics Department, 2007; ZHENG BIJIAN. The internal and external environments of China's development over the next five years. In: GILL, I.; HUANG, Y.; KHARAS, H. (Ed.). *East Asian visions*. Washington, DC: World Bank, 2006; KANG, D. C. *China rising: peace, power and order in East Asia*. Columbia: Columbia University Press, 2007; NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. *Global trends 2025: a transformed world*. 2008.

mundial passasse por um arrefecimento.<sup>4</sup> Essa hipótese se ancorava na crença de que a China fundamentava sua estratégia de crescimento econômico *apenas* nas exportações (*export-led growth*), ou seja, de que o componente do produto dinamizador da economia desse país asiático era *somente* as vendas externas. Com efeito, uma queda na renda dos países desenvolvidos, principalmente das economias da Europa e dos Estados Unidos, levaria a uma desaceleração no ritmo chinês de crescimento econômico. Apontava-se, então, uma dependência elevada da China com as economias centrais. No entanto, a participação das exportações totais (bens e serviços) no PIB chinês, considerando um valor médio entre os anos 2000 e 2008 em moeda local a preços correntes, chegou a 31,6%. Já a relação entre formação bruta de capital fixo (FBCF) e PIB, para o mesmo período, atingiu 39,2%. Isso já indica que a dinâmica de crescimento da renda chinesa está associada, também, aos gastos com bens de investimento, e não apenas às exportações.

Além disso, a importância crescente da demanda por bens de investimento para o crescimento da renda chinesa é evidenciada pela queda, desde 2007, na participação das exportações totais no PIB chinês, passando de 38,7% para 37,8%, em 2008, e chegando a 30,5% em 2009. Já a relação FBCF e PIB nos três anos indicados foi, respectivamente, 40,0%; 42,0% e 43,4%. Com isso, não se afirma que as vendas externas desse país não tenham relevância no seu movimento de crescimento, mas sim que a estratégia chinesa de desenvolvimento econômico não se faz *exclusivamente* ancorada em *export-led growth*. Crê-se, portanto, que, comparativamente à importância da FBCF para o crescimento econômico desse país asiático, as exportações funcionariam, ao mesmo tempo, como um componente macroeconômico de equilíbrio do balanço de pagamentos e, também, de realização do progresso com estabilidade interna e externa.<sup>5</sup> Assim, tendo em vista o crescimento médio anual de aproximadamente

---

<sup>4</sup> Alguns analistas de economia internacional chegaram a cogitar taxas negativas para o crescimento econômico da China em 2009. Ver: World Bank. *China Quarterly Update* (vários números).

<sup>5</sup> Por essa estabilidade entende-se a importância das exportações na geração de empregos, divisas e conexões com a economia global, capazes de garantir apoio à dinâmica interna de internalização e aprimoramento de novas tecnologias e capacidades gerenciais. Para viabilizar seu objetivo último de modernizar o país com vistas à recuperação de uma posição superior na ordem internacional, as lideranças chinesas vêm apostando no aprofundamento de seus vínculos com a economia mundial. Energia, matérias-primas, mercados consumidores, tecnologia etc. são variáveis instrumentais do processo mais amplo de desenvolvimento e internacionalização. Ver: ZHEG BIJIAN (op cit.); e CUNHA, A. M.; SILVA, L. A. China: ascensão à condição de potência global: características e implicações. In: CARDOSO JR, J. C.; ACIOLY, L.; MATIJASCIC, M. (Org.). *Trajetórias recentes de desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas*. Brasília: IPEA, 2009. v. 2. p. 343-396.

dez milhões de pessoas da população urbana chinesa entre 1985 e 2009,<sup>6</sup> provocado em parte pelo contínuo processo de êxodo rural, é imprescindível a manutenção de um crescimento econômico elevado para absorção desse contingente. Por isso, é indispensável a elevação das exportações ano após ano, evitando a geração de déficits no balanço de pagamentos e a interrupção do processo de integração socioeconômica da população chinesa.

Não à toa, mesmo antes da crise, e com mais intensidade após ela, a China vem procurando aprofundar sua inserção externa, diversificando seus mercados de destino e suas fontes de suprimento de matérias-primas estratégicas. Um dos vetores de sua recuperação em 2008 e 2009 foi a criação de incentivos diversos ao setor exportador, usando, para tal, todas as ferramentas de política econômica e de “diplomacia financeira”.<sup>7</sup> É razoável assumir a hipótese de que os *policy makers* chineses trabalham com cenários semelhantes aos sugeridos por analistas ocidentais influentes que apontam para um “novo normal”<sup>8</sup> na economia mundial pós-crise, em que os países emergentes terão uma importância crescente. Por consequência, em um ambiente de baixo crescimento das economias centrais, a estratégia de ampliação das vendas externas da China passa, também, pela busca do aumento na sua participação relativa nos mercados dos países da América Latina.

Levando-se em conta esse fato e considerando a importância da região latino-americana para as exportações brasileiras de produtos industrializados, este trabalho tem por objetivo identificar até que ponto a possível ampliação do movimento das exportações chinesas no interior da América Latina causará dificuldades às exportações do Brasil nessa mesma região. Com a intenção de cobrir o objetivo proposto, o texto divide-se em cinco seções, além desta introdução. A segunda seção aborda a importância do comércio exterior para a continuidade do crescimento econômico chinês. A terceira analisa o comportamento das exportações chinesas no mundo no período recente. A quarta apresenta

---

<sup>6</sup> Os dados sobre o crescimento da população economicamente ativa da China estão disponíveis em [www.un.org/esa/population](http://www.un.org/esa/population).

<sup>7</sup> Esse termo é empregado aqui no sentido sugerido por STEIL, B.; LITAN, R.E. *Financial statecraft: the role of financial markets in American foreign policy*. New Haven: Yale University Press, 2006.

<sup>8</sup> GROSS, B. On the “Course” to a New Normal. In: *Investment Outlook*: PIMCO, Sept. 2009. Disponível em: <http://www.pimco.com/LeftNav/Featured+Market+Commentary/IO/2009/Gross+Sept+On+the+Course+to+a+New+Normal.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010; SPENCE, M. Emerging financial markets after the global financial crisis. In: *PIMCO Viewpoints*, Aug. 2009. Disponível em: <http://www.pimco.com/LeftNav/Viewpoints/2009/Emerging+Financial+Markets+Spence+August.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.

uma comparação do desempenho das vendas externas da China e do Brasil na América Latina, identificando potenciais setores em que as exportações chinesas podem resultar em perdas de competitividade para o Brasil. Por fim, a quinta apresenta a conclusão, onde são retomadas as principais ideias anteriormente levantadas, assinalando perspectivas futuras.

## 2. A Importância do Comércio Exterior para o Crescimento Econômico da China

Esta seção tem por finalidade expor a importância que o setor externo tem para o contínuo processo de crescimento econômico da China. Assim, ao se examinar a afinidade necessária entre o desempenho econômico chinês e o movimento de suas exportações, estabelecendo, na próxima seção, um desenho da dinâmica dessas vendas externas no período recente, podem-se deduzir condutas possíveis para as políticas de comércio exterior chinesas.

Assume-se aqui que o crescimento das exportações proporciona dois benefícios básicos ao processo de desenvolvimento de uma economia. O *primeiro* deles se refere aos impactos gerados no processo de expansão da prosperidade material da sociedade, podendo ser subdividido em dois aspectos: (a) as exportações estão associadas, diretamente, ao aumento da renda da sociedade, partindo-se da caracterização de que as vendas externas de um país representam um gasto autônomo, cujos impactos finais sobre a taxa de crescimento do PIB da região são potencializados pelo efeito multiplicador; e (b) o crescimento das exportações pode criar um círculo virtuoso de expansão econômica em função da amarração entre crescimento da produção e elevação da produtividade. Ou seja, a elevação das exportações aumenta a demanda por produtos da região, esse movimento faz com que a taxa de investimento se amplie, alavancando a produtividade doméstica, permitindo, com isso, novos aumentos no valor exportado do país. Já o *segundo* benefício diz respeito à capacidade de crescimento da renda do país sem pressionar o seu balanço de pagamentos. Isto é, uma dinâmica de acréscimo contínuo das exportações permitirá que a demanda interna da região por bens importados seja financiada pelas suas próprias vendas externas, facilitando o rápido desenvolvimento econômico do país. Para os casos em que se tem um mercado interno consideravelmente grande, como é o caso da economia chinesa, esse último benefício pode ser primordial.

Partindo-se da sugestão de McCombie e Thirlwall (1993),<sup>9</sup> a importância do crescimento das exportações pode ser discutida levando-se em conta uma estrutura analítica que relaciona a taxa de crescimento da economia que proporciona um equilíbrio no balanço de pagamentos ( $TX_{EQ}$ ) à taxa observada de crescimento da economia ( $TX$ ) e à taxa de crescimento da economia de pleno emprego ( $TX_{EMP}$ ). Com isso, apresenta-se um conjunto de possibilidades de relação entre  $TX_{EQ}$ ,  $TX$  e  $TX_{EMP}$ , mostrado na Tabela 1.

**Tabela 1 – Possibilidades de relação entre as  $TX_{EQ}$ ,  $TX$ ,  $TX_{EMP}$  e a situação do Balanço de Pagamentos (BP) e do Emprego**

Relação entre as Taxas de Crescimento	Situação do Balanço de Pagamentos (BP) e do Emprego
(1) $TX_{EQ} = TX = TX_{EMP}$	Equilíbrio no BP e Pleno Emprego
(2) $TX_{EQ} = TX < TX_{EMP}$	Equilíbrio no BP e Aumento do Desemprego
(3) $TX_{EQ} < TX = TX_{EMP}$	Crescimento do Déficit no BP e Pleno Emprego
(4) $TX_{EQ} < TX < TX_{EMP}$	Crescimento do Déficit no BP e Aumento do Desemprego
(5) $TX_{EQ} > TX = TX_{EMP}$	Crescimento do Superávit no BP e Pleno Emprego
(6) $TX_{EQ} > TX < TX_{EMP}$	Crescimento do Superávit no BP e Aumento do Desemprego

Fonte: McCombie e Thirlwal (1993).

Assim, a economia encontrar-se-ia com uma taxa de crescimento econômico que possibilitaria uma situação de pleno emprego e contas externas equilibradas quando posicionada na situação (1) na Tabela 1. Na situação (4), a região caracteriza-se com uma taxa de crescimento da economia maior do que a taxa de equilíbrio do BP, porém menor do que a de pleno emprego. Ou seja, pode-se induzir que há uma escassez de bens de capital nessa economia, dado o tamanho da mão de obra, dificultando a produção doméstica e a geração de emprego. Já quando  $TX_{EQ} > TX = TX_{EMP}$ , aponta-se que a taxa de crescimento da economia observada é igual à taxa de pleno emprego e menor do que a taxa de equilíbrio do BP, possibilitando uma elevação do superávit nas contas externas do país. Existe um conjunto de mecanismos econômicos possíveis que tolera essa situação. O estímulo ao investimento, o

<sup>9</sup> MCCOMBIE, J. S. L.; THIRLWALL, A. P. *Economic growth and the balance-of-payments constraint*. Palgrave Macmillan, 1993.

qual eleva o estoque de capital da região com técnicas mais eficientes, o crescimento acelerado da oferta de trabalho pela entrada de pessoas anteriormente fora da força de trabalho, através da migração do rural para o urbano ou de um país para o outro, e, por fim, o deslocamento dos fatores de produção de setores industriais de baixa produtividade para setores industriais de alta produtividade. Assim, a relação entre essas taxas de crescimento e o Gráfico 1 pode ajudar a esclarecer a importância das exportações para o crescimento econômico da China.

O Gráfico 1 compara dois agregados macroeconômicos da economia chinesa. O primeiro agregado representa a diferença entre o crescimento médio anual do PIB nos anos analisados, 1981 até 2009, o qual atingiu uma taxa média de 9,4% ao ano, e o resultado do crescimento do PIB no período indicado (PIB dif). Com isso, situações em que essa diferença é positiva definem um crescimento da renda em ritmo mais acelerado do que a média do período.<sup>10</sup> O caso contrário caracteriza que o crescimento do PIB chinês estaria em menor aceleração, ou seja, em uma dinâmica inferior ao crescimento médio anual encontrado entre os anos 1981 e 2009. O segundo agregado mostra a contribuição das exportações líquidas para o crescimento da renda da China (EX liq), ou seja, quanto o saldo do setor externo auxiliou na taxa de crescimento da economia chinesa.<sup>11</sup> Os dois agregados são medidos em termos de pontos percentuais, o que permite a comparação dos seus movimentos. Lembre-se, ainda, que todos esses agregados são medidos a preços constantes em moeda local.

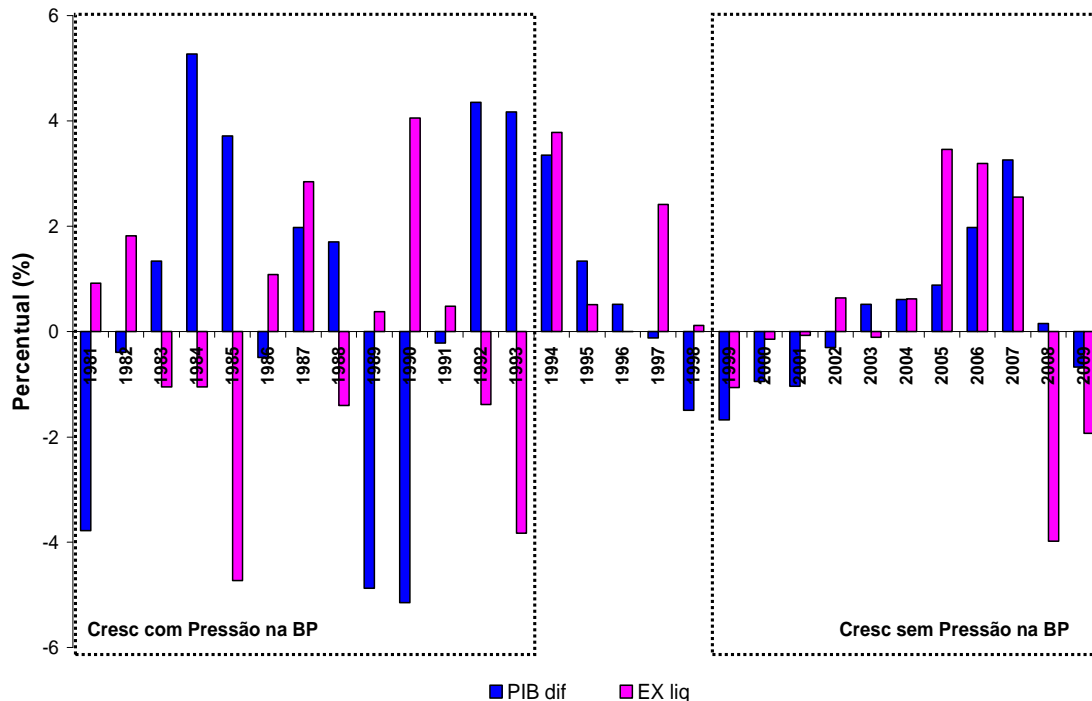
---

<sup>10</sup> Tem-se como hipótese que o crescimento médio anual do PIB estabelece uma tendência da taxa de longo prazo para os anos analisados.

<sup>11</sup> As exportações líquidas são definidas como o saldo entre as exportações e as importações de bens e serviços não fatores em moeda local. Já a contribuição das exportações líquidas para o crescimento do PIB representa, em termos percentuais, a parcela de auxílio que esse agregado creditou diretamente na taxa de crescimento da renda. Assim, um valor negativo representaria uma contribuição negativa; para o caso de um sinal positivo, tem-se uma contribuição positiva à taxa de crescimento do PIB. Salienta-se que a fonte de dados brutos é o *Euromonitor*.



Gráfico 1 - Diferença entre a taxa média de crescimento do PIB no período completo e a taxa do ano (PIB dif) e contribuição das exportações líquidas ao crescimento do PIB (EX liq) – China – 1981 a 2009



Fonte de dados brutos: Euromonitor.

Conforme o Gráfico 1, percebe-se duas dinâmicas diferentes para a relação entre PIB dif e EX liq, delimitada por dois retângulos. A *primeira dinâmica* estabeleceu-se entre 1981 e 1993, quando se nota, predominantemente, uma relação inversa entre os anos de aceleração do crescimento do PIB chinês e a contribuição para esse crescimento das exportações líquidas. Isto é, em anos em que o crescimento econômico desse país asiático foi superior à média do período delimitado, a contribuição das exportações líquidas foi negativa. Verifica-se, portanto, nesse período, um crescimento da renda chinesa com pressão na balança de pagamentos; em termos da estrutura delimitada na Tabela 1, tem-se  $TX_{EQ} < TX = TX_{EMP}$ . No caso da China, há momentos em que um superávit nas exportações líquidas tornava-se um déficit, ou até situações em que um déficit desse agregado macroeconômico elevava-se. Com efeito, denomina-se esse período de “crescimento com pressão no BP”.

Essa caracterização fica evidente ao se observar a participação das exportações líquidas sobre o PIB da China medida a preços constantes em moeda local. Em 1981, início do primeiro período demarcado, as exportações líquidas representavam um superávit de 0,5% do PIB, alcançando, em 1993, último ano do período delimitado, um percentual deficitário de 2,0% do PIB. Quando se particulariza os

anos em que PIB dif é positivo, resultando em EX liq negativo, torna-se mais explícita a dificuldade de crescimento da renda da China sem pressionar o equilíbrio do BP. Entre os anos de 1983 e 1988, tem-se cinco anos em seis anos com PIB dif positivo. Somente o ano de 1986 não se caracteriza com uma taxa de crescimento da economia chinesa maior do que a média do período. Por consequência, em 1982, ano imediatamente anterior ao período especificado, as exportações líquidas representavam +2,1% do PIB da China, alcançando um valor de -1,3% do PIB em 1988. Ou seja, uma alteração de 3,4 pontos percentuais. Ademais, o maior déficit nesse período foi exatamente em 1985, com um percentual de 4,2% do PIB. Porém, no ano seguinte, 1986, quando se observa uma taxa de crescimento menor do que a média do período como um todo, individualiza-se uma diminuição nesse déficit, chegando a um percentual de 2,9% do PIB. Já em 1987, ano em que a relação entre PIB dif e EX liq não é inversa, o resultado deficitário atinge um equilíbrio, mas, no ano seguinte o déficit volta a ocorrer. Com isso, fica nítida a especificação “crescimento com pressão no BP” no primeiro período apontado no Gráfico 1.

O *segundo período* delimitado nesse mesmo gráfico vai de 1999 a 2009, último ano com dados disponíveis. Por sua vez, entre os anos de 1994 e 1998, retrata-se um período de adaptação da economia chinesa à nova dinâmica que se inicia em 1999, pois a relação entre PIB dif e EX liq passa a oscilar. Nesse segundo período especificado, tem-se uma correlação positiva entre os anos de crescimento da renda chinesa em ritmo mais acelerado e a contribuição ao crescimento das exportações líquidas, exceção aos anos de 2002 e 2003, os quais apresentam valores relativamente baixos. Por isso, determina-se uma relação entre as três taxas de crescimento, apontada anteriormente, com o seguinte desenho:  $TX_{EQ} > TX = TX_{EMP}$ . Estabelece-se, então, uma dinâmica de “crescimento sem pressão no BP” à economia chinesa. Em outras palavras, pode-se sugerir que as exportações chinesas auxiliaram na aceleração do crescimento econômico e, ao mesmo tempo, evitaram a geração de um déficit no BP<sup>12</sup>.

No início desse segundo período, a economia chinesa já apresentava um superávit das exportações líquidas de 2,4% do PIB, constituindo, em 2008, um superávit ainda maior, de 4,6% do PIB, ao passo que, em 2009, ano caracterizado pela crise econômica mundial, tem-se, ainda, um superávit de 2,4% do PIB. Todavia, o que chama a atenção no período examinado é que esse saldo positivo nas exportações líquidas chinesas torna-se cada vez menor, mesmo antes da eclosão da crise financeira global. Os superávits nas exportações líquidas entraram em uma trajetória de elevação contínua entre

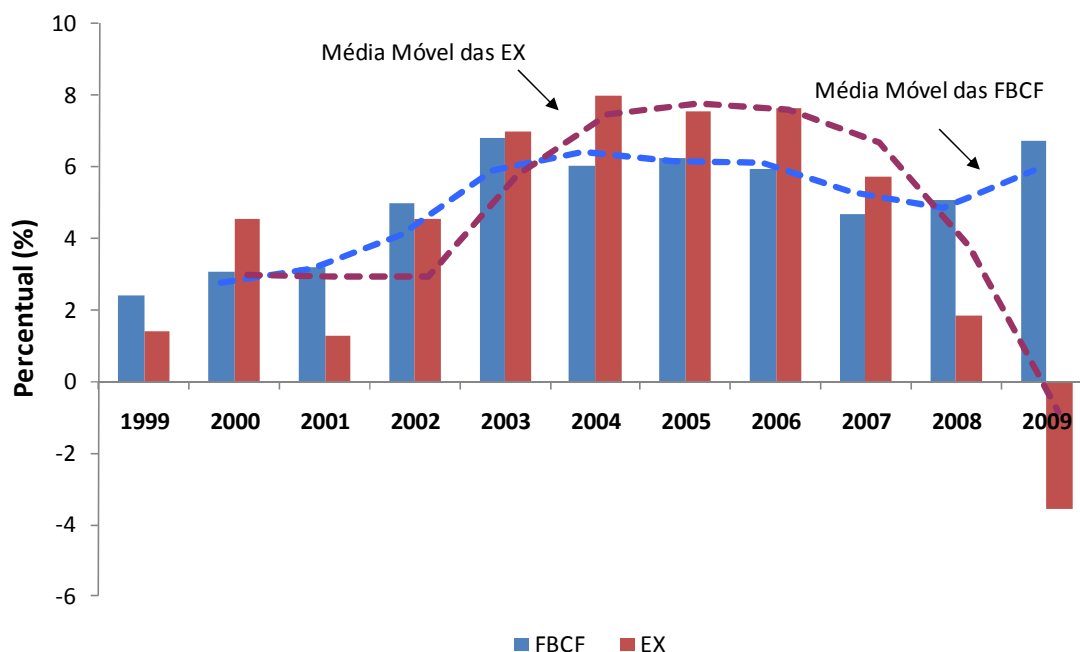
---

<sup>12</sup> Podem ocorrer situações em que o crescimento das vendas externas de uma região altere de maneira substancial o crescimento da renda da população. No entanto, esse crescimento não é suficiente para evitar um déficit no BP.

2004 e 2007, saindo de um valor de 2,4% do PIB no primeiro ano e atingindo 9,0% do PIB no último ano citado. Porém, como apontado anteriormente, já em 2008 esse superávit é de apenas a metade do obtido em 2007. Essa trajetória pode assinalar dificuldades à economia chinesa em permanecer em um movimento de “crescimento sem pressão no BP”, conforme pode ser percebido no Gráfico 2.

O Gráfico 2 apresenta a contribuição das exportações (EX) e da FBCF para crescimento do PIB da China, ao mesmo tempo em que mostra a média móvel de dois anos desses dois agregados macroeconômicos, no período definido como “crescimento sem pressão no BP”. Destaca-se, em um primeiro momento, que esses dois indicadores apresentaram contribuição positiva para o crescimento do PIB durante todos os anos especificados, com exceção do movimento das EX em 2009. Ademais, nota-se que EX prescreve um movimento de aceleração da sua média móvel até 2006, e, a partir desse ano, caracteriza-se uma dinâmica de desaceleração, tornando-se negativa em 2009. Por consequência, pode-se perceber que a tendência de diminuição da contribuição das exportações para o crescimento econômico da China já era intuída anteriormente à crise econômica, ao passo que a eclosão desse evento ajuda a aprofundar o movimento já existente.

**Gráfico 2 - Contribuição para o crescimento do PIB da FBCF e das EX e suas respectivas médias móveis de dois anos – China – 1999 a 2009**



Fonte de dados brutos: Euromonitor.

Ao mesmo tempo, a FBCF individualiza um movimento de elevação até 2003, de maneira que a partir desse ano tem-se uma estabilidade nessa contribuição, que se eleva, novamente, em 2009. Nesse último ano, manifesta-se uma clara política econômica anticíclica executada pelo governo chinês. Com efeito, indica-se um quadro geral em que a contribuição para o crescimento do PIB das exportações não apresenta uma estabilidade, mas sim uma tendência de queda, e, concomitantemente, a contribuição da FBCF à dinâmica do PIB chinês permanece, praticamente, constante. A consolidação dessa trajetória pode proporcionar uma diminuição do superávit nas exportações líquidas, como já vem ocorrendo, chegando ao ponto de estabelecer um déficit nesse indicador. Com isso, a economia da China pode retornar ao movimento de “crescimento com pressão no BP”, dificultando a inserção social da população chinesa que permanece na área rural. Ou seja, a FBCF continuará com uma dinâmica de expansão, proporcionando crescimento econômico com pleno emprego ( $TX = TX_{EMP}$ ). No entanto, a queda na contribuição das exportações à taxa de crescimento da renda dificultará os superávits no BP ( $TX_{EQ} < TX$ ), impondo pressões potencialmente desestabilizadoras na trajetória de desenvolvimento socioeconômico da China<sup>13</sup>.

Ao se deparar com a conjuntura apresentada, é possível reforçar a hipótese, delineada na Introdução deste trabalho, de que a busca por novos mercados para suas exportações é um imperativo para a estratégia de desenvolvimento da China, uma vez que, não obstante a tendência de queda nas exportações líquidas, espera-se que, nos próximos anos, os mercados tradicionais às exportações desse país asiático, principalmente Estados Unidos e Europa, ainda enfrentarão dificuldades econômicas. Nesse sentido, a região da América Latina torna-se alvo para a expansão das vendas externas chinesas, visto a perspectiva de crescimento econômico dessa região para os próximos anos. A seção a seguir, então, discute a trajetória das exportações totais da China nos anos recentes, objetivando, posteriormente, o entendimento das vendas desse país na região latino-americana.

### **3. O Desempenho das Exportações Chinesas no Comércio Mundial**

---

<sup>13</sup> Ressalta-se que o crescimento do PIB da China no último trimestre de 2009, contra o mesmo período do ano anterior, já apontava para uma taxa superior a 10%, definindo uma aceleração significativa à taxa do ano, que chegou a 8,7%.

A seção anterior caracterizou a importância das exportações da China para o contínuo processo de desenvolvimento econômico e social desse país asiático. Em relação ao crescimento econômico chinês, assinalou-se que, a partir de 1999 essa economia ingressou em uma dinâmica de “crescimento sem pressão no BP”. No entanto, observou-se que essa característica pode estar em processo de arrefecimento, impondo a necessidade de um aprofundamento da diversificação de mercados para as exportações chinesas. Com efeito, a presente seção proporciona uma avaliação do movimento recente das vendas externas da China, observando, principalmente, o seu desempenho após 1999.

O primeiro indicador a ser analisado é o índice de intensidade de comércio (IIC) da China com algumas regiões predeterminadas: Estados Unidos; Ásia, com exceção de Hong Kong, Macau e Taiwan; Zona do Euro; Reino Unido;<sup>14</sup> África e América Latina, sem a presença do Brasil.<sup>15</sup> Esse índice demarca em que medida as exportações da região A em direção à região B são maiores (ou menores) do que o esperado, haja vista a importância relativa da região A no comércio internacional. Um valor superior à unidade indica que as vendas externas de A para B são maiores do que o previsto, respeitando a participação da região A nas compras internacionais. Com efeito, o Gráfico 3 apresenta o indicador de intensidade de comércio da economia chinesa com as regiões supracitadas entre 1994 e 2008.<sup>16</sup> Além disso, salienta-se que as linhas pontilhadas posicionadas na vertical caracterizam a diferença entre o valor mínimo e o valor máximo da intensidade de comércio verificada em cada ano.

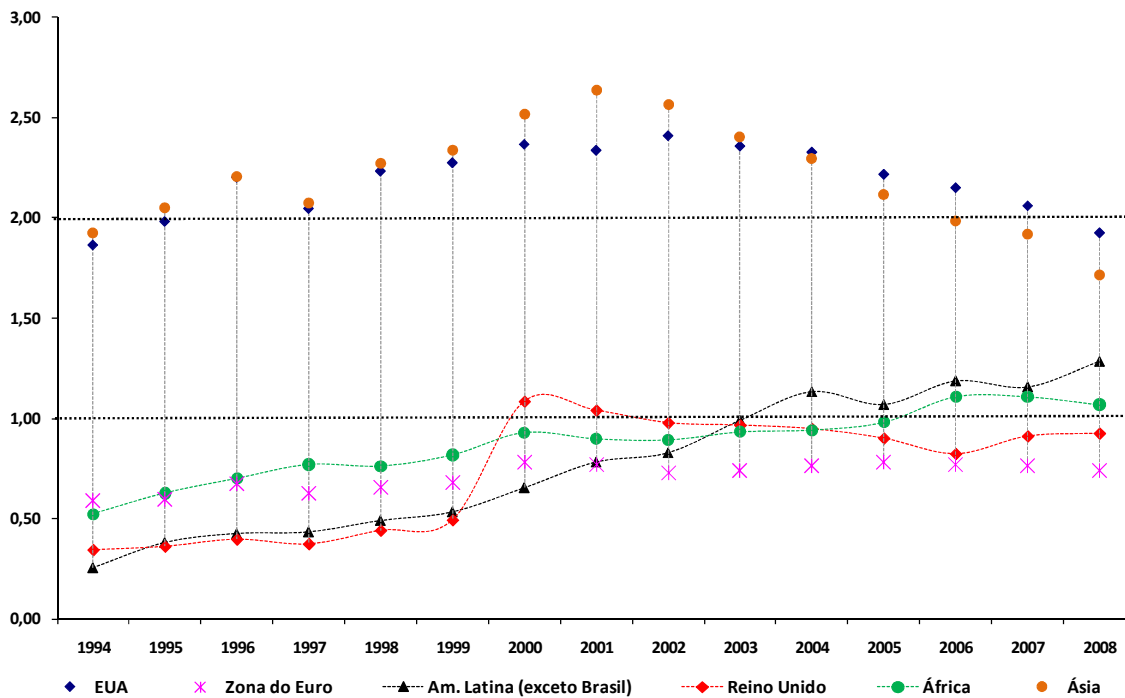
---

<sup>14</sup> O Reino Unido foi incluído na análise devido ao fato de a Inglaterra, seu país mais relevante, não pertencer à Zona do Euro, além de ter-se verificado movimento destacado na evolução do IIC da China com esse grupo.

<sup>15</sup> Neste trabalho, a América Latina sem o Brasil é composta pelos seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

<sup>16</sup> No Gráfico 3 são utilizados dados provenientes do United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade). O ano de 2009 não é apresentado em função da indisponibilidade de dados consolidados para esse ano. Essa observação também é válida para as demais informações geradas a partir dessa fonte.

Gráfico 3 - Índice de intensidade de comércio (IIC) da China com regiões predeterminadas – 1994 a 2008



Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

Por consequência, percebe-se que a diferença entre o maior valor e o menor valor da intensidade de comércio entre as regiões diminuiu, alterando, também, a posição das regiões com os valores inferiores. Ou seja, de modo geral, ocorre uma elevação na intensidade de comércio da China com as regiões que tinham um menor índice no início do período destacado, estabelecendo um movimento em bloco. Ao mesmo tempo, tem-se uma ligeira queda do IIC da economia chinesa com as regiões que apresentavam um alto valor para esse índice, identificando uma diminuição na diferença de IIC entre as regiões. Em contrapartida, a Zona do Euro manteve o IIC com a China praticamente estável. Sabe-se, todavia, da dificuldade de países não pertencentes à Comunidade Europeia de aumentar sua intensidade de comércio com esse bloco, uma vez que esse indicador é uma medida relativa da intensidade das exportações de uma região em outra região. Conhecendo, portanto, a forte troca comercial intrabloco e a dinâmica de abertura de novos mercados às exportações chinesas, esse índice acaba por permanecer constante. No entanto, em termos absolutos a participação das exportações provenientes da China sobre o total que a Zona do Euro compra do mundo aumentou, passando de 1,9%, em 1994, para 6,3% em 2008. Em outras palavras, apesar da elevação da participação dos produtos chineses nas compras externas do Euro, essa participação apresentou um movimento mais

ascendente em outras regiões, mais especificamente no Reino Unido, na África e na América Latina. Por isso, essas três regiões aparecem com seus movimentos destacados no Gráfico 3.

Com respeito ao Reino Unido, a intensidade de comércio passa de um valor de 0,34 no início do período, chegando a 0,93 no último ano do período demarcado, um índice próximo do valor unitário, o qual estabelece uma intensidade de comércio próxima à esperada, dada a importância da China nas exportações mundiais. O ano de 2000 particulariza o único período em que o ICC é superior à unidade, atingindo 1,08, pois a participação das exportações originárias da China sobre o total das compras externas do Reino Unido passou de 1,8%, em 1999, para 3,9%, no ano destacado. A dinâmica salientada foi proporcionada pelo crescimento das vendas externas da China direcionadas à Inglaterra em mais de 29% entre esses dois anos.

No caso do continente africano, nota-se que a intensidade de comércio com a China passou de 0,52, no primeiro ano apontado no Gráfico 3, para 1,07 em 2008. Ou seja, observa-se uma significativa ascensão das exportações da China para a África. Esse valor era de US\$ 653 milhões em 1994, atingindo US\$ 31,4 bilhões em 2008, obtendo um taxa média de crescimento anual, nesse período, superior a 31%, ao passo que as exportações provenientes do mundo para esse continente, no mesmo período, cresceram em média 16,8% ao ano. Destacam-se os setores desdobramento de madeira, siderurgia, fabricação de máquinas e equipamentos de sistemas eletrônicos para processamento de dados e, ainda, fabricação de aparelhos e equipamentos de telefonia e radiotelefonia e transmissores de televisão e rádio, os quais apresentaram uma taxa média anual de crescimento superior a 70%.

A elevação do ICC entre a China e a América Latina, exclusive a economia brasileira, será detalhada na próxima seção, a qual caracterizará o comportamento das exportações brasileiras e desse país asiático na região latino-americana. Cabe ainda destacar o movimento de diminuição da intensidade de comércio da China com os Estados Unidos. O ápice desse índice ocorre entre os anos 2000 (2,36) e 2002 (2,41). Após esses anos nota-se uma significativa tendência de queda, atingindo, em 2008, um valor inferior a 2. Isto é, a intensidade de comércio entre as economias chinesa e estadunidense chegou a ser, praticamente, duas vezes e meia maior do que o pressuposto, respeitando a importância da China na venda de bens no mercado internacional, sendo que em 2008 esse valor já é inferior a duas vezes o pressuposto. No entanto, lembra-se que a participação das importações provenientes da China no total das compras externas da economia estadunidense passou de 11,1% para 16,4%, entre 2002 e 2008. Isto é, mesmo com a queda no ICC, as importações oriundas da China continuaram ganhando mercado nos Estados Unidos.

A especificidade ocorrida nos Estados Unidos é similar à sucedida na Ásia, sem a presença de Hong Kong, Macau e Taiwan, uma vez que a participação das importações provenientes na China no total das compras externas da Ásia, desconsiderando a economia chinesa, passou de 10,5%, em 2001, para 14,7% em 2008, período em que se apresenta uma diminuição no IIC da China com a região analisada. Observa-se, ainda, que todo esse movimento de significativa desconcentração da intensidade de comércio da China reforça-se no período delimitado de “crescimento sem pressão no BP”. Distingue-se nessa dinâmica, como já apontado anteriormente, o aumento desse indicador no Reino Unido em 2000, no continente africano em 2005, e na América Latina em 2002.

Por sua vez, a Tabela 2 detalha a dinâmica de desconcentração de destinos da pauta exportadora da China,<sup>17</sup> de certa forma já percebida no ICC e apontada no Gráfico 3. Para tanto, emprega-se o índice de razão de concentração (CR), caracterizando qual a parcela que as “n” regiões tem no total exportado pela economia chinesa. Assim, o CR(1) apresenta a parcela das exportações da China dirigida ao seu principal parceiro, e o CR(2) caracteriza esse mesmo indicador para os dois principais parceiros e assim sucessivamente.

**Tabela 2 - Índice de razão de concentração das exportações chinesas – 1995, 1999, 2004, 2008 e 2009**

China no Mundo					
	1995	1999	2004	2008	2009
CR(1)	25,2%	26,5%	25,4%	20,4%	21,3%
CR(2)	47,1%	47,0%	40,3%	29,8%	30,7%
CR(3)	53,1%	52,0%	46,0%	35,7%	35,9%
CR(4)	58,1%	56,9%	50,8%	40,5%	40,7%
CR(5)	61,2%	60,3%	54,5%	44,2%	44,2%
CR(10)	72,8%	72,5%	66,8%	57,1%	57,1%
CR(15)	79,9%	79,1%	75,1%	66,5%	66,4%
Principais destinos – posição					
Estados Unidos	2	1	1	1	1
Japão	1	2	2	2	2
Coreia do Sul	3	3	3	3	3
Alemanha	4	4	4	4	4

<sup>17</sup> Lembra-se, novamente, que não se faz presente a relação comercial da China com Hong Kong, Macau e Taiwan.



Holanda	6	5	5	5	5
Inglaterra	8	6	6	6	6
Cingapura	5	7	8	8	7
Índia	23	21	17	9	8
França	10	9	9	13	9
Austrália	13	11	12	14	10
Taiwan	7	8	7	11	11
Itália	9	10	10	10	12
Malásia	16	16	14	16	13
Emirados Árabes	17	18	15	12	14
Canadá	14	12	13	15	15

Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services (GTIS).

Nota-se, portanto, uma sensível desconcentração de destinos da pauta exportadora da China ao se observar o índice CR(15). Em 1995, os 15 principais mercados de vendas chinesas alcançavam uma participação de 79,9% no total exportado por esse país. Em 2009, essa participação chegou a 66,4%. É interessante perceber, ainda, que o aprofundamento dessa tendência sucede após 1999, período definido como de “crescimento sem pressão no BP”. A dinâmica de desconcentração teria sido proporcionada, principalmente, pelo movimento ocorrido no interior do CR(2). Ou seja, o segundo principal mercado para produtos chineses tinha uma participação de 21,9% no primeiro ano do período, atingindo uma participação de apenas 9,4% no último ano analisado.

Destaca-se, ainda, com respeito aos dois principais destinos das exportações da China, a mudança de posição entre os Estados Unidos e o Japão. Não obstante essa alteração de posição, duas outras chamam a atenção. A primeira associa-se à trajetória do índice de intensidade de comércio entre a China e a Inglaterra, posicionando esse país europeu como sexto principal destino das exportações da economia chinesa em 2009, sendo que, em 1995, essa mesma região figurava na oitava posição. Já a segunda alteração aplica-se ao caso da Índia, país que subiu 15 posições no *ranking* dos principais mercados compradores de produtos chineses, passando da 23ª posição, no primeiro ano delimitado, para oitava posição no último ano definido.<sup>18</sup> Cabe evidenciar, ainda, que, apesar da crescente elevação

<sup>18</sup> O acentuado crescimento das exportações chinesas para Índia entre 1995 e 2008 ocorreu principalmente na fabricação de máquinas e equipamentos de sistemas eletrônicos para processamento de dados, fabricação de produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos (com destaque para os subsetores de fabricação de

da intensidade de comércio da China no continente africano e na América Latina, nenhum país dessas regiões aparece entre os 15 principais destinos das exportações chinesas. Indica-se, então, que esse aumento da intensidade de comércio da China com a América Latina e a África ocorreu sem provocar grandes alterações nos destinos preferenciais das exportações desse país asiático. Ou seja, nota-se que as vendas externas chinesas solidificam-se nos seus principais destinos e, ao mesmo tempo, adquirem novas posições no comércio internacional.

Isso torna patente a capacidade excepcional da economia chinesa na ampliação de sua oferta exportável, haja vista o tamanho da sua força de trabalho e o ritmo de expansão de sua base produtiva.<sup>19</sup> O Gráfico 4 revela que esse movimento aconteceu sem provocar a concentração das exportações chinesas em termos setoriais.<sup>20</sup> O índice de concentração utilizado é o Herfindahl-Hirschman (HHI), que apresenta uma escala em que um resultado menor do que 1000 indica baixa concentração; entre 1000 e 1800, concentração moderada; e superior a 1800, uma situação em que a pauta exportadora está concentrada em poucos setores.

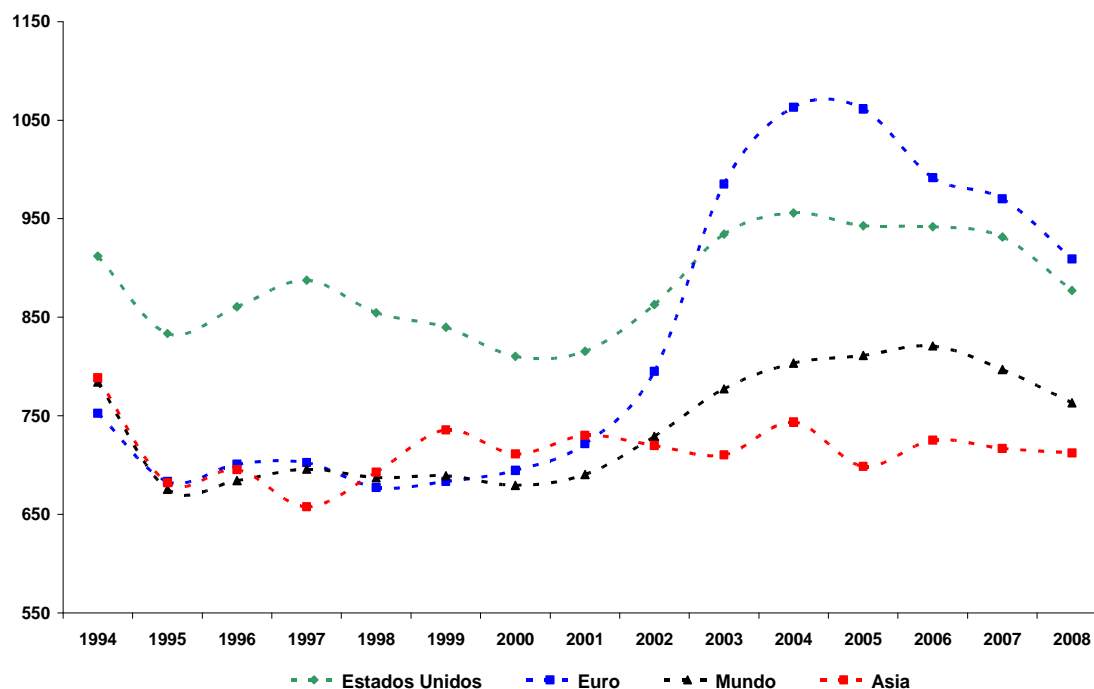
---

tanques, caldeiras e reservatórios metálicos e fabricação de estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada) e, ainda, siderurgia. O principal setor de exportação, em 2008, com 12,7% do total, foi fabricação de aparelhos e equipamentos de telefonia e radiotelefonia e transmissores de televisão e rádio, com uma taxa de crescimento de 122,8% ao ano entre 1995 e 2008.

<sup>19</sup> Com base nos dados do Deutsche Bank, estima-se em 12% a expansão média anual dos investimentos chineses entre 1990 e 2009. Entre 2001 e 2009, tal ritmo ascendeu a 14,5% ao ano. A produção industrial, por sua vez elevou-se, em média, cerca de 10% ao ano nos últimos vinte anos. Disponível em: <<http://www.dbresearch.de>>. Acesso em: 10 maio 2010.

<sup>20</sup> O indicador foi calculado a partir do setor CNAE 1.0, considerando uma estrutura de dois dígitos.

Gráfico 4 - Índice Herfindahl-Hirschman (HHI) de concentração setorial da pauta de exportações da China - 1994 a 2008



Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

Assim, a concentração das vendas externas totais da economia chinesa oscilou entre um valor mínimo de 675 e máximo de 820, chegando, em 2008, a um indicador de 763, estabelecendo um padrão de baixa concentração. Isso não significa que não ocorreram alterações na composição setorial das exportações da economia chinesa. Para se ter a percepção da magnitude da alteração da composição da pauta exportável dessa economia, basta observar que, em 1994, o principal setor exportador da China era confecção de artigos de vestuário, com uma participação de, praticamente, 17% da pauta total. Em segundo lugar posicionava-se o setor de fabricação de produtos têxteis, com uma participação de 12,5%. Já em 2008, o principal setor exportado pela China foi o de fabricação de material elétrico e equipamentos de comunicação, o qual é composto por equipamentos de telefonia, aparelhos de televisão, rádio, gravação ou ampliação de som e vídeo, com uma participação de 15,7% nas vendas externas da China. A segunda posição nesse mesmo ano foi definida para o setor de fabricação de máquinas e equipamentos para escritório e equipamentos de informática, que inclui a fabricação de computadores e periféricos, e que especificou 12,3% de participação. Percebe-se, então, que apesar da mudança das posições dos setores exportadores na pauta da China, a composição relativa desses principais setores não se modificou, mantendo o mesmo padrão de concentração.

Chama a atenção o movimento sucedido no HHI das exportações chinesas para os Estados Unidos e para Zona do Euro entre os anos 2002 e 2005, sendo que esse índice eleva-se, para a primeira região, de 862 para 943 e, para a segunda região, de 795 para 1062, nesse último caso tornando-se moderadamente concentrado. A principal mudança relativa nas vendas externas da China para a Zona do Euro, nos anos supracitados, acontece no ganho de participação do setor fabricação de máquinas e equipamentos para escritório e equipamentos de informática, que passou de uma participação de 14,6%, em 2002, para 23,6% em 2005. É exatamente essa dinâmica que explica a alteração do índice HHI das exportações chinesas para a Zona do Euro. No entanto, a partir de 2006 observa-se um novo movimento de desconcentração setorial das exportações chinesas na Zona do Euro, causado, principalmente, pelo aumento da participação do setor de metalurgia básica – composto dos produtos de metalurgia, fabricação de tubos, entre outros –, o que provocou uma queda na participação do setor de fabricação de máquinas e equipamentos para escritório e equipamentos de informática.

A individualidade do movimento de concentração nos Estados Unidos não é tão destacada, quando confrontado com o ocorrido na Zona do Euro. Essa dinâmica pouco aprofundada é motivada pelo fato de que são dois setores que acabam por ganhar significativa participação na pauta exportadora da economia chinesa no mercado estadunidense. O primeiro é o de fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática, conquistando praticamente 6 pontos percentuais de participação, passando de uma participação de 12%, em 2002, para 18% em 2005,. É importante notar que esse mesmo setor acaba por ganhar relevância relativa na pauta das vendas externas da China na Zona do Euro, como já comentado anteriormente. Já o segundo setor de destaque é o de fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicação, que chegou, no último ano destacado, a uma participação de 16% nas vendas externas chinesas aos Estados Unidos, sendo que essa participação foi de 13,4% no primeiro ano apontado.

Haja vista as alterações nas importâncias relativas setoriais no interior da pauta exportadora da economia chinesa, percebe-se, entre 1996 e 2008, uma mudança da composição dessas vendas externas em termos de intensidade tecnológica.<sup>21</sup> Com efeito, a Tabela 3 mostra a composição das exportações e das importações da China, respeitando a agregação por padrão tecnológico.

---

<sup>21</sup> A tipologia utilizada na caracterização dos padrões tecnológicos foi desenvolvida por Pavitt, em *Patterns of technical change: towards a taxonomy and a theory* (1984), e ampliada por Holland e Xavier, em *Dinâmica e competitividade setorial das exportações brasileiras: uma análise de painel para o período recente* (2004).

**Tabela 3 - Exportações e importações chinesas por intensidade tecnológica – 1996 e 2008**

Tipologia	Exportações		Importações	
	1996	2008	1996	2008
Produtos Primários	8,7%	2,8%	9,3%	24,6%
Produtos Intensivos em Recursos Naturais	10,4%	8,2%	17,9%	14,7%
Manuf. Intensivos em Trabalho	44,9%	26,9%	21,0%	8,5%
Manuf. Intensivos em Economias de Escala	17,1%	22,7%	12,6%	9,2%
Manuf. Produzidos por Fornecedores Especializados	10,5%	22,9%	26,0%	17,0%
Manuf. Intensivos em P&D	7,7%	16,3%	13,1%	25,7%
Não Classificados	0,7%	0,1%	0,00%	0,4%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services (GTIS).

Nota-se, então, um processo significativo, de diminuição dos produtos intensivos em trabalho nas exportações da China entre 1996 e 2008. Ao mesmo tempo, tem-se uma elevação dos manufaturados produzidos por fornecedores especializados, intensivos em escala e intensivos em P&D. Os setores apontados como manufaturas produzidas por fornecedores especializados são aqueles associados aos bens de capital sob encomenda. Com respeito aos bens intensivos em escala, têm-se as indústrias automobilística e siderúrgica e os bens eletrônicos de consumo (principalmente, vídeo, áudio e a linha branca). Para a especificidade das exportações chinesas, predominam os setores de fabricação de aparelhos receptores de rádio e televisão e de reprodução, gravação ou amplificação de som e vídeo e o de fabricação de eletrodomésticos. Já os setores que compõem os produtos intensivos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) são química fina, componentes eletrônicos, telecomunicação e indústria aeroespacial. Em relação às vendas externas da China, o setor de fabricação de aparelhos e equipamentos de telefonia e radiotelefonia e de transmissores de televisão e rádio apresenta a maior participação. Percebe-se, então, mais uma qualidade do movimento chinês no interior do comércio exterior global, isto é, agregar valor a pauta dos produtos exportáveis em um período relativamente curto.

Parte dessa dinâmica é revelada pela composição da pauta de importação desse país asiático em termos de intensidade tecnológica. Por isso, ainda na Tabela 3, especifica-se a trajetória dessa tipologia para as compras externas da economia chinesa. Particulariza-se uma eloquente participação de produtos primários nas importações dessa região, chegando a representar 24,6% do total importado

pela China. Evidencia-se, com isso, a forte dependência da China em relação aos recursos naturais. Observa-se, também, uma elevação da participação das manufaturas intensivas em P&D na pauta importadora chinesa, atingindo uma taxa média anual de crescimento de mais de 28%. Lembra-se que esse aumento da importância das manufaturas intensivas em P&D já havia ocorrido na pauta exportadora desse país. Essa ascensão chinesa das compras externas de produtos intensivos em P&D acaba por explicar, em parte, a agregação de valor na pauta de exportação dessa região. Ou seja, tem-se uma dinâmica em que as empresas chinesas adquirem peças e partes dos componentes eletrônicos no exterior, implementando a montagem de aparelhos eletrônicos nas suas zonas de processamento de exportações. Essa particularidade explica, em boa medida, o padrão recente de comércio da China com a Coreia do Sul e com o Japão.<sup>22</sup>

Para as relações comerciais China-Coreia do Sul denota-se um aumento de participação das importações chinesas provenientes da Coreia do Sul de produtos intensivos em P&D, passando de 7,6% para 16,3% entre os anos 1996 e 2008. Os principais produtos importados pela China com origem na Coreia do Sul são “outros dispositivos de cristais líquidos” (setor fabricação de aparelhos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográficos) e “circuitos integrados digitais não montados” (setor fabricação de material eletrônico básico), os quais representam 68,6% do total importado dos produtos intensivos em P&D em 2008.

No que tange ao comércio China-Japão, a participação dos produtos intensivos em P&D, entre os anos já demarcados, passou de 18,4% para 27%. Os três principais produtos importados pela China, que representaram 39% do total das compras desse país de produtos intensivos em P&D provenientes do Japão, são: “circuitos integrados digitais não montados” (setor fabricação de material eletrônico básico); “outros dispositivos de cristais líquidos” (setor fabricação de aparelhos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográficos); e “circuito integrado híbrido” (setor fabricação de material eletrônico básico).

Ao mesmo tempo, com relação às exportações chinesas de produtos intensivos em P&D, os principais produtos são: “aparelhos rádio telefônicos portáteis” (setor fabricação de aparelhos e equipamentos de telefonia e radiotelefonia e de transmissores de televisão e rádio); “circuitos

---

<sup>22</sup> Esse processo já havia sido destacado por inúmeros estudos. Para uma referência recente, que incorpora uma revisão crítica de trabalhos anteriores e adiciona novas evidências, ver: GILL, I.; KHARAS, H. *An East Asian renaissance: ideas for economic growth*. Washington, DC: World Bank, 2007.

eletrônicos montados” (setor fabricação de aparelhos e equipamentos de telefonia e radiotelefonia e de transmissores de televisão e rádio); e “outros dispositivos de cristais líquidos” (setor fabricação de aparelhos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográficos), sendo que esse três produtos representam 37% do valor exportado de produtos intensivos em P&D pela economia da China. Com efeito, torna-se evidente que a dinâmica comercial da China com a Coreia do Sul e com o Japão auxilia, sobremaneira, a agregação de valor da pauta exportável da China. Ou seja, as duas últimas regiões são fornecedoras de insumos com alto valor agregado, e a montagem do produto final é processada pela indústria eletrônica chinesa.

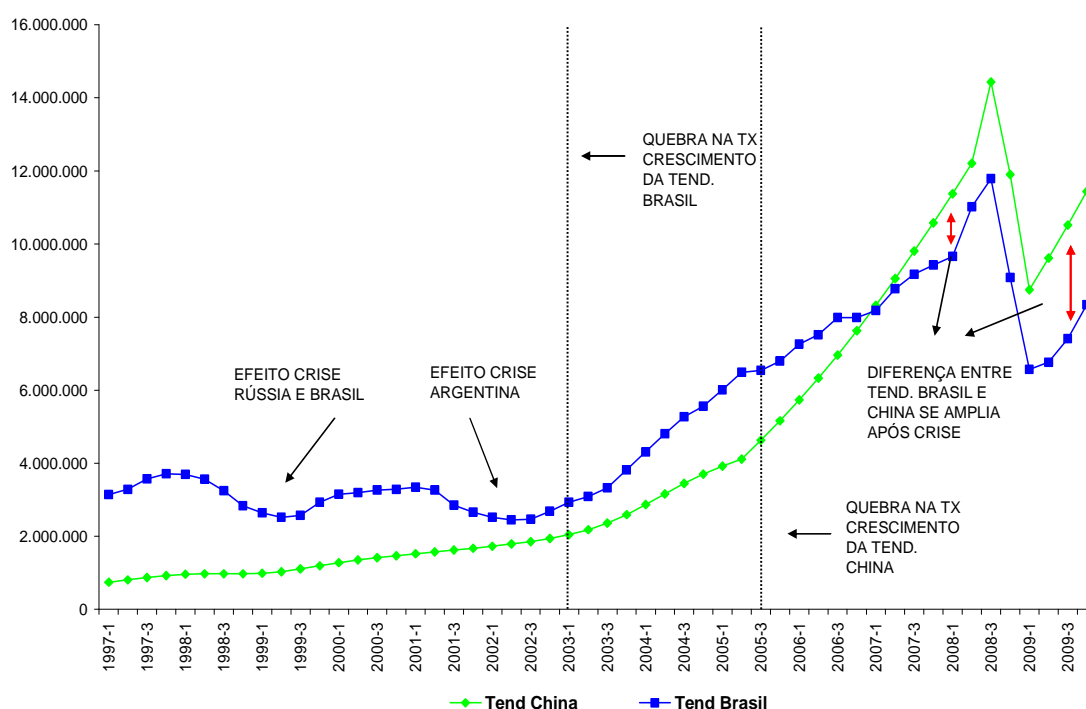
Assim, esta seção analisou a trajetória das exportações totais da economia chinesa no período recente. Identificou-se um processo de forte diversificação de mercados a partir de 1999, primeiro ano do período denominado “crescimento sem pressão do BP” para esse país asiático, elevando-se a intensidade de comércio, principalmente com a África e a América Latina. Adicionalmente a esse movimento de diversificação de mercados, notou-se que não ocorreu um movimento de concentração, em termos de setores da pauta exportadora da China. Além disso, observa-se uma melhora dessa pauta no que tange à agregação de valor, proporcionada, basicamente, pelas trocas comerciais entre China, Coreia do Sul e Japão. Por consequência, como já apontado anteriormente, é necessário que essa dinâmica das vendas externas da China permaneça, de modo a possibilitar a manutenção de um padrão de crescimento econômico contínuo e consistente para a Região Asiática.

Ao se reconhecer, nos termos da hipótese levantada no início deste estudo, que os entraves econômicos dos países desenvolvidos dificultarão, em um futuro próximo, a reprodução do modelo de expansão do consumo com base em forte endividamento, torna-se razoável assumir a possibilidade de que, nesse “novo normal”, vislumbre-se um aprofundamento das relações comerciais entre a China e a América Latina. O gigante asiático vem buscando se posicionar de forma mais densa em mercados com maior potencial de expansão, o que parece ser o caso de vários países latino-americanos. Tal perspectiva embute novos riscos para o próprio processo de internacionalização da economia brasileira. Vale dizer que a diversificação de mercados de destino para as exportações chinesas tende a causar dificuldades às exportações brasileiras no espaço econômico latino-americano. Por isso, a seção a seguir tem como objetivo avaliar a inserção comercial do Brasil e da China nos países latino-americanos, indicando possíveis setores coincidentes.

## 4. O Desempenho das Exportações Chinesas e Brasileiras na América Latina

A seção anterior destacou a capacidade da oferta exportável chinesa em diversificar mercados e produtos e, ainda, agregar maior valor a sua pauta de exportação. Com essa conjuntura particularizada, a presente seção objetiva comparar a trajetória recente das exportações brasileiras e chinesas na América Latina. Procura-se dimensionar se, de fato, há riscos de deslocamento das exportações brasileiras na região em função da expansão chinesa. O foco inicial são as exportações industriais. Com efeito, o Gráfico 5 mostra a tendência estimada do valor das exportações dos setores associados à indústria (US\$ mil) das economias do Brasil e da China aos países latino-americanos. Indicam-se, ao mesmo tempo, os períodos em que ocorreram alterações nessas tendências.<sup>23</sup> Lembra-se, todavia, que todos os indicadores que mostram a relação entre a economia chinesa e os países latino-americanos não contam com a presença do Brasil.

**Gráfico 5 - Tendência estimada das exportações industriais brasileiras e chinesas na América Latina – 1º trimestre de 1997 ao 4º trimestre de 2009 – US\$ mil**



<sup>23</sup> O método estatístico utilizado na estimação da tendência é o aplicado em modelos de série de tempo estrutural univariado. Para mais detalhes ver Harvey, *Forecasting, structural time series models and the Kalman filter* (1989), e Commandeur e Koopman, *State space time series analysis* (2007).



Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services.

Ao estimar o comportamento da tendência de uma determinada série de tempo, eliminam-se os componentes associados às irregularidades, sazonalidade e ciclos, permitindo uma observação do movimento mais consistente dessa série. Com isso, pode-se afirmar que tanto a tendência das exportações brasileiras de manufatura direcionadas à América Latina (Tend Brasil) quanto esse mesmo agregado para o caso da China (Tend China) tiveram um forte movimento ascendente a partir de 2003. Antes, porém, observa-se um comportamento oscilatório na “Tend Brasil”, motivado principalmente pelas crises econômicas verificadas nos países latino-americanos no período em análise. Já a “Tend China”, nesse mesmo período, caracteriza-se por um desempenho ainda pouco expressivo, quando se compara com a trajetória pós-2003. Para se ter uma ideia de como essas duas tendências se comportaram entre o 1º trimestre de 1997 e o 1º trimestre de 2003, o crescimento médio trimestral da “Tend China” nos trimestres delimitados foi de 4,3%. Para a “Tend Brasil”, esse crescimento foi nulo.

Em contrapartida, no 1º trimestre de 2003, verifica-se uma quebra na dinâmica de “Tend Brasil” (linha pontilhada no Gráfico 5), quando se observa uma forte aceleração nas vendas externas. Com efeito, entre o 1º trimestre de 2003 e o 2º trimestre de 2008, o crescimento médio trimestral de “Tend Brasil” chegou a uma taxa de 6,5%.<sup>24</sup> Percebe-se que exatamente no mesmo trimestre que ocorre a quebra na dinâmica de “Tend Brasil”, a trajetória da “Tend China” sofre uma suave alteração. No entanto, aponta-se uma alteração significativa na tendência das exportações industriais da China na América Latina somente no 3º trimestre de 2005. Tornam-se mais claras as alterações no comportamento de “Tend China” quando se apresentam as taxas médias de crescimento trimestrais desses dois períodos. Entre o 1º trimestre de 2003, momento citado como de início da quebra de “Tend Brasil”, até o 2º trimestre de 2005, período antes da mudança do movimento da “Tend China”, o

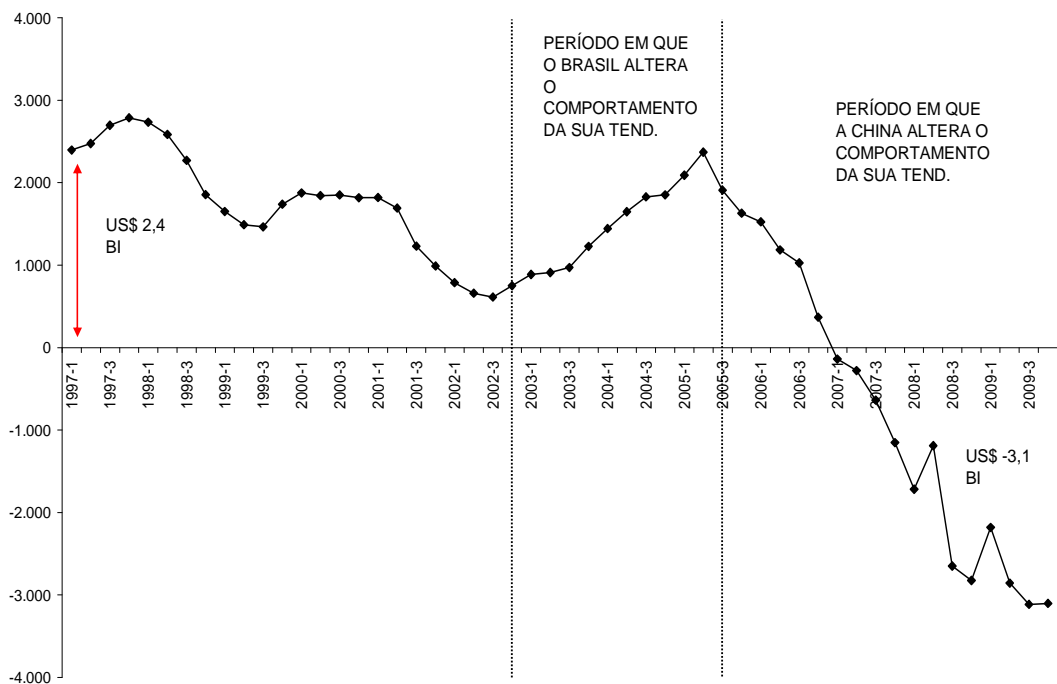
---

<sup>24</sup> Não à toa, a elevação das exportações de produtos industriais para os vizinhos latino-americanos coincidiu com o ciclo de alta nos preços de matérias-primas energéticas, minerais e alimentares, verificado entre 2002 e 2008. A aceleração no ritmo de expansão das economias latinas, passando dos pouco mais de 2% ao ano no quarto de século precedente, para mais de 4% ao ano no referido período de *boom*, beneficiou o Brasil por meio de suas exportações de manufaturados. Aqui, por um breve intervalo, a ascensão da China jogou a favor do país, na medida em que a alta de preços de *commodities* foi, em grande medida, produto da forte demanda chinesa (potencializada por restrições localizadas de oferta e, principalmente, pela especulação financeira). Mais detalhes em Unctad, *Trade and Development Reports* (vários anos, em especial 2007, 2008 e 2009). Disponível em: <[www.unctad.org](http://www.unctad.org)>.

crescimento médio trimestral da “Tend China” atingiu uma taxa de 8,0%. Já entre o 3º trimestre de 2005 e o 2º trimestre de 2008, essa mesma taxa de crescimento alcançou 9,2%.

Portanto, ao se completar essas modificações no comportamento da “Tend China” e da “Tend Brasil”, nota-se que, no 2º trimestre de 2007, o valor da tendência das exportações industriais da China na América Latina torna-se superior ao mesmo agregado da economia brasileira. Para uma melhor visualização da dinâmica da diferença entre “Tend Brasil” e “Tend China”, construiu-se o Gráfico 6. Por consequência, valores positivos indicam que o “Tend Brasil” é maior do que a “Tend China”. Valores negativos caracterizam situação contrária.

**Gráfico 6 - Diferença entre “Tend Brasil” e “Tend China” - 1º trimestre de 1997 ao 4º trimestre de 2009 – US\$ mil**



Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

A observação do Gráfico 6 conjuntamente com o Gráfico 5 permite uma plena identificação dos períodos em que a “Tend Brasil” obteve melhor desempenho do que a “Tend China”. É conveniente notar a especificidade da diferença entre essas “Tends” nos períodos demarcados pela quebra nas duas séries, limitados pelas linhas pontilhadas no Gráfico 6. No primeiro trimestre de 1997, a diferença entre “Tend Brasil” e “Tend China” encontrava-se em torno de US\$ 2,4 bilhões, sendo que, até o 1º trimestre de 2003, identificado como de alteração da trajetória de “Tend Brasil”, observa-se um movimento oscilatório, porém, com uma direção de diminuição dessa diferença. A partir do 1º trimestre de 2003,

identifica-se uma alteração positiva na diferença entre “Tend Brasil” e “Tend China”, mostrando que o desempenho da tendência das exportações brasileiras de produtos industrializados na América Latina era superior ao obtido pela economia chinesa.

É importante salientar que essa trajetória positiva inicia-se no trimestre em que se expressou uma modificação positiva em “Tend Brasil” e termina no 2º trimestre de 2005, exatamente um trimestre antes da alteração positiva da “Tend China”. Com efeito, após esse último trimestre caracteriza-se um movimento descendente da diferença entre essas “Tends”, tornando-se negativo no segundo trimestre de 2007, atingindo, no último trimestre de 2009, um valor de US\$ 3,1 bilhões favorável a “Tend China”. Isto é, entre o 1º trimestre de 1997 e o 4º trimestre de 2009, a “Tend China” retirou uma diferença em relação à “Tend Brasil” em mais de US\$ 5,5 bilhões, representando, aproximadamente, 19% do valor da tendência das exportações industriais brasileiras à América Latina em 2009.

Ainda observando os Gráficos 5 e 6, percebe-se que, em 2009, momento em que a crise global atinge de forma expressiva o comércio internacional, a diferença entre “Tend Brasil” e “Tend China” permaneceu em uma direção descendente. Não obstante essa trajetória, ao se contemplar o Gráfico 5, a diferença entre a “Tend Brasil” e a “Tend China” se amplia no movimento inicial de recuperação pós-crise. Em outras palavras, as exportações industriais chinesas nos países latino-americanos posicionaram-se melhor do que as brasileiras no período de crise internacional, de maneira que no instante da recuperação econômica a “Tend China” consolidou um melhor desempenho.

Após avaliar o comportamento das exportações industriais, a partir das respectivas tendências, parte-se para uma análise IIC da China e do Brasil com a América Latina, salientando que o agregado utilizado no cálculo desse índice são as exportações totais dessas duas regiões para os países latino-americanos, exceto o Brasil. Assim, a Tabela 4 apresenta o IIC da China e do Brasil com os países latino-americanos e o *share* desses dois países nas compras externas da América Latina.

Tabela 4 - Índice de intensidade de comércio (IIC) da China e do Brasil com a América Latina (excluindo o Brasil) e a participação das importações provenientes desses dois países nas importações totais direcionadas aos países latino-americanos (excluindo o Brasil) – 1994 a 2008<sup>25</sup>

ANO	CHINA		BRASIL	
	IIC	Part. (%)	IIC	Part. (%)
1994	0,25	0,8	5,22	6,1
1995	0,38	1,2	5,58	5,6
1996	0,42	1,3	5,84	5,6
1997	0,43	1,6	5,44	5,7
1998	0,49	1,7	5,29	5,3
1999	0,53	1,9	4,78	4,3
2000	0,58	2,4	4,96	4,5
2001	0,69	3,1	4,56	4,5
2002	0,74	3,8	4,16	4,0
2003	0,88	5,3	5,11	5,1
2004	1,00	6,7	5,81	6,4
2005	0,95	7,2	5,92	7,1
2006	1,06	8,8	5,77	6,9
2007	1,02	9,5	5,52	6,7
2008	1,13	11,0	5,11	6,9

Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

Apesar do desempenho da “Tend China” ter sido superior ao desempenho da “Tend Brasil”, a intensidade de comércio da China com a América Latina é, ainda, inferior ao mesmo indicador para o Brasil. Quanto ao índice encontrado entre o Brasil e os países latino-americanos, pode-se afirmar que o comércio entre essa região e a economia brasileira é quase sete vezes maior do que a relação comercial do Brasil com o mundo. Ademais, assinala-se que esse valor não se eleva de maneira consistente no período demarcado, passando de 6,1, em 1994, para 6,9 em 2008. A especificidade do IIC da China com a América Latina mostra uma elevação consistente entre 1994 e 2008, alcançando, nesse último ano, um valor de 1,13. Isto é, tem-se que o comércio entre a economia chinesa e os países latino-americanos encontra-se em um patamar próximo à intensidade de comércio entre a China e o mundo. Apesar da

<sup>25</sup> O IIC da China com o Brasil foi de 0,17, em 1994, e de 1,35 em 2008. Já do Brasil com a China foi de 0,79 e de 2,23 em 2008.

maior intensidade de comércio do Brasil com a América Latina em relação à intensidade da China na mesma região, esse último país tem maior participação de mercado do que o primeiro.

É pertinente apontar a estagnação do IIC do Brasil com os países latino-americanos e, ao mesmo tempo, o não crescimento da participação das importações originárias no Brasil no total das compras externas da América Latina. Um *posicionamento excelente* para a economia brasileira seria uma leve queda na intensidade de comércio associada a um ganho de mercado. Assim, poder-se-ia vislumbrar que o Brasil estaria intensificando seu comércio com as outras regiões do globo e, também, ganhando mercado na América Latina. Já em relação à caracterização desses dois indicadores, considerando a especificidade chinesa, assinala-se uma trajetória de considerável ascensão da participação das importações oriundas nesse país asiático no total das compras externas dos países latino-americanos, elevando-se, ao mesmo tempo, a intensidade de comércio entre essas duas regiões. Dessa maneira, ao associar esses movimentos à observação do Gráfico 3, na seção anterior, em que se mostra o IIC da China com algumas regiões selecionadas, contempla-se uma dinâmica interessante das exportações desse país asiático. Nota-se uma pequena diminuição na intensidade de comércio da economia chinesa com a Ásia e com os Estados Unidos e, igualmente, um aumento da participação das importações originárias na China no total importado pelas duas regiões. Com efeito, as exportações chinesas estão avançando na América Latina partindo-se de um movimento geral, indicando um *posicionamento excelente*.

A Tabela 5 apresenta o índice de razão de concentração para os destinos das exportações chinesas na América Latina, lembrando que todas as estatísticas da América Latina desconsideram a presença do Brasil. Evidencia-se, então, que, no último ano apontado, 92% das exportações desse país asiático destinavam-se a dez mercados da América Latina, ao passo que os quatro primeiros mercados detinham 67,2%. Tais participações sugerem um grau de concentração bastante intenso, que, ademais, se elevou entre 1995 e 2009. Porém, cabe destacar que, entre 2004 e 2009, os três principais destinos para as exportações chinesas - CR(3) - na América Latina (sem o Brasil) diminuíram sua participação em 6 pontos percentuais. Aponta-se, com isso, uma suave tendência de desconcentração de destino das exportações da China nos países latino-americanos.

Tabela 5 - Índice de razão de concentração das exportações chinesas – 1995, 1999, 2004, 2008 e 2009

<b>China na América Latina (exceto Brasil)</b>					
	<b>1995</b>	<b>1999</b>	<b>2004</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>
CR(1)	26,2%	24,9%	36,3%	27,6%	30,3%
CR(2)	44,2%	43,9%	52,2%	43,3%	46,4%
CR(3)	56,2%	58,4%	64,6%	55,6%	58,6%
CR(4)	64,8%	70,3%	70,8%	65,7%	67,2%
CR(5)	71,2%	75,9%	75,4%	72,3%	74,1%
CR(6)	77,6%	79,7%	79,7%	78,3%	80,0%
CR(7)	82,3%	83,2%	82,8%	83,8%	85,2%
CR(8)	85,3%	86,3%	85,6%	86,9%	87,7%
CR(9)	87,6%	88,8%	88,1%	89,6%	90,1%
CR(10)	89,7%	91,3%	90,5%	91,6%	92,0%
<b>Principais destinos – posição</b>					
México	4	2	1	1	1
Panamá	1	1	2	2	2
Chile	2	3	3	3	3
Argentina	3	4	4	4	4
Venezuela	8	6	6	5	5
Colômbia	9	9	5	6	6
Peru	6	8	7	7	7
Equador	12	16	9	8	8
Cuba	5	5	10	9	9
Uruguai	10	7	13	10	10

Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services.

Faz-se importante, também, examinar a especificidade dos seis principais parceiros comerciais da China nessa região. A economia mexicana posiciona-se como a segunda maior economia da América Latina, atrás apenas da economia brasileira. Além disso, nota-se que o México, em 1994, era o quarto principal destino das exportações chinesas para os países latino-americanos (exceto Brasil), sendo que, em 2004, esse país aparece em primeiro lugar, firmando-se nessa posição desde então. Percebe-se que

essa circunstância ocorre após a consolidação das exportações da China nos Estados Unidos.<sup>26</sup> Com isso, crê-se que o movimento das vendas chinesas no interior da economia estadunidense facilitou a trajetória, posterior, de ganho de mercado no México.

Com relação ao Panamá, sabe-se que esse país é utilizado como uma porta de entrada aos mercados da América Central. Ao identificar que o Panamá é o único país da região centro-americana entre os dez principais destinos das exportações da China, assinala-se que a estratégia é aproveitar esse país como distribuidor de produtos chineses na América Central. O Chile, por sua vez, não é qualificado como uma economia de grande porte na América Latina, porém, além de ter uma economia muito aberta, duas outras características acabam por estabelecê-lo como o terceiro principal destino das exportações da China na Região Latino-Americana. A primeira delas é o fato de o Chile ter uma saída da América do Sul para o oceano Pacífico, facilitando o comércio desse país com a Região Asiática. A segunda característica diz respeito ao acordo de livre-comércio existente entre essa economia sul-americana e a economia chinesa.

A individualidade da Argentina estaria fundamentada no tamanho da sua economia, a terceira maior da América Latina. Por fim, atenta-se que a Venezuela é a quarta economia latino-americana, sendo que nos últimos anos apresentou um desempenho econômico considerável, alavancado pelo preço do petróleo no mercado internacional. É conveniente lembrar que o Peru, que hoje ocupa a sétima posição entre os principais destinos das exportações da China, ratificou um acordo de livre-comércio com esse país, vigorando desde o dia 1º de março de 2010. Por consequência, pode-se esperar um aumento do comércio entre esse país sul-americano e a China, possibilitando uma alteração no *ranking* dos principais destinos das exportações da economia chinesa na América Latina.

Para efeito de comparação do índice de razão de concentração para os destinos das exportações brasileiras e chinesas na América Latina, a Tabela 6 exprime esse indicador para o caso da economia brasileira. Não diferente da trajetória observada no caso da China, nota-se uma dinâmica de concentração dos destinos das exportações brasileiras nos países latino-americanos. No entanto, quando se observa a trajetória do CR(3), contempla-se uma tendência de desconcentração menor do que a ponderada para o caso da China. Para esse último país, notou-se uma queda de 6 pontos percentuais no índice de concentração relativa dos três principais parceiros comerciais na América

---

<sup>26</sup> Como comentado anteriormente, tem-se, a partir de 2002, uma diminuição no IIC da China com a economia estadunidense.

Latina; já para as exportações brasileiras, esse indicador diminuiu em 4,8 pontos percentuais. Demonstra-se, com isso, que a tendência de desconcentração das exportações chinesas nos três principais destinos da América Latina é mais significativa do que a alcançada pelo Brasil. Essa percepção torna-se mais evidente quando se constata que o CR(1) do Brasil exibe um valor de 41,0% em 2009, sendo esse mesmo indicador para a China de 30,3%, de maneira que, para esse último país, ocorre uma queda nesse indicador entre em 2004 e 2009, dinâmica contrária à estabelecida para o Brasil. Tem-se, então, manifesta a forte dependência das vendas voltadas à Argentina nas exportações brasileiras destinadas à América Latina.

**Tabela 6 - Índice de razão de concentração das exportações brasileiras – 1997, 1999, 2004, 2008 e 2009**

<b>Brasil na América Latina</b>					
	<b>1997</b>	<b>1999</b>	<b>2004</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>
CR(1)	47,6%	48,6%	34,9%	38,9%	41,0%
CR(2)	57,5%	58,3%	53,7%	50,3%	52,5%
CR(3)	65,9%	66,4%	65,8%	60,9%	61,1%
CR(4)	72,1%	73,1%	72,7%	70,4%	69,7%
CR(5)	77,9%	79,2%	77,6%	75,9%	75,4%
CR(6)	83,3%	84,1%	81,8%	80,9%	80,8%
CR(7)	88,4%	88,1%	84,9%	86,1%	85,6%
CR(8)	91,5%	91,7%	87,9%	89,7%	89,9%
CR(9)	94,5%	94,1%	90,4%	92,2%	92,9%
CR(10)	96,5%	95,3%	92,8%	94,1%	94,9%

<b>Principais destinos – posição</b>					
Argentina	1	1	1	1	1
Venezuela	6	6	4	2	2
México	5	2	2	4	3
Chile	3	3	3	3	4
Colômbia	8	8	5	7	5
Paraguai	2	4	6	5	6
Peru	9	9	8	6	7
Uruguai	4	5	7	8	8
Bolívia	7	7	9	9	9



Equador	11	11	10	10	10
---------	----	----	----	----	----

Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services (GTIS).

Além disso, entende-se que as exportações brasileiras na América Latina estão direcionadas, fundamentalmente, à América do Sul. Isso porque, dos dez principais destinos das vendas externas do Brasil aos países latino-americanos, nove deles localizam-se no continente sul-americano. Outrossim, o único país que não pertence a esse continente, o México, já foi o segundo principal destino das exportações brasileiras no interior da América Latina, chegando a se estabelecer na quarta posição em 2008, passando para a terceira posição em 2009, ano marcado pelo movimento da crise internacional. Para as exportações da China na América Latina, tem-se uma dinâmica mais descentralizada, pois, ao se considerar os seus três principais destinos, nessa região há um país de cada continente – América do Norte, Central e do Sul.

Pode-se notar, ainda, que os dois principais mercados do Brasil na América Latina estão entre os três principais mercados da China na América do Sul (desconsiderando o Brasil). O movimento desse país asiático no interior do continente sul-americano pode ter sido um dos fatores que dificultou a expansão da participação brasileira no total das compras externas dos países latino-americanos, como mostrado na Tabela 4. Com efeito, é importante destacar a trajetória de posicionamento da China e do Brasil nas importações totais da Argentina e da Venezuela. No caso da Argentina, as importações provenientes do Brasil cresceram a uma taxa média anual de 9,2%, entre 2004 e 2009. Em contrapartida, esse mesmo indicador para a China, nos mesmos anos apontados, apresentou um desempenho de 40,6% ao ano. Com isso, observou-se uma queda na participação das importações provenientes do Brasil no total das importações da economia argentina, passando de 34,6% para 30,9%, no período delimitado. Ao mesmo tempo, a participação das importações originárias na China no total importado pela Argentina cresceu de 4,1% para 13,0%, entre 2004 e 2009. A Tabela 7 apresenta os subsetores que demonstraram, nos anos demarcados, uma perda de participação significativa das importações oriundas do Brasil e, concomitantemente, um ganho de participação das importações derivadas da economia chinesa no total importado do subsetor pelo mercado argentino.

**Tabela 7 - Participação e variação da participação das importações provenientes do Brasil e da China no total importado de subsetores selecionados da Argentina – 2004 e 2009**

Subsetor	Brasil		China		Var. Participação	
	2004	2009	2004	2009	Brasil	China
Tecelagem - Inclusive Fiação e Tecelagem	47,7%	32,6%	3,5%	33,8%	-15,1%	30,3%
Artefatos Têxteis	87,0%	63,6%	1,3%	15,7%	-23,4%	14,4%
Tecidos e Artigos de Malha	38,7%	9,9%	1,0%	61,7%	-28,8%	60,8%
Confecção de Artigos do Vestuário	37,0%	8,6%	4,8%	43,7%	-28,4%	38,9%
Calçados	74,4%	55,4%	10,2%	27,7%	-19,1%	17,5%
Produtos Farmacêuticos	14,2%	6,8%	10,6%	20,4%	-7,4%	9,8%
Produtos Cerâmicos	42,0%	30,3%	8,5%	26,0%	-11,7%	17,5%
Eletrodomésticos	49,7%	35,1%	15,0%	34,0%	-14,5%	19,0%
Geradores, Transformadores e Motores Elétricos	21,0%	12,2%	5,8%	12,8%	-8,8%	7,0%
Fios, Cabos e Condutores Elétricos Isolados	53,8%	29,1%	3,6%	22,4%	-24,7%	18,8%
Lâmpadas e Equipamentos de Iluminação	26,5%	12,2%	30,9%	60,4%	-14,3%	29,5%
Material Eletrônico Básico	13,0%	3,7%	8,4%	27,1%	-9,4%	18,7%
Rádio, Televisão, Som e Vídeo	14,6%	5,8%	13,9%	53,0%	-8,7%	39,1%
Aparelhos Ópticos, Fotográficos e Cinematográficos	15,3%	8,2%	12,7%	44,2%	-7,1%	31,5%
Cabines, Carrocerias e Reboques	78,4%	51,8%	3,7%	20,0%	-26,6%	16,4%
Artigos do Mobiliário	50,9%	39,6%	8,8%	20,2%	-11,3%	11,3%

Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services (GTIS).

Percebe-se, na Tabela 7, que os ganhos de participação das importações originárias na China frente àquelas procedentes da economia brasileira localizam-se, principalmente, em subsetores intensivos em mão de obra (Fabricação de produtos têxteis, calçados e artigos do mobiliário) e eletroeletrônicos. Destaca-se o ganho de mercado obtido no subsetor de fabricação de tecidos e artigos de malha, que alcançou uma variação entre 2004 e 2009 de mais de 60%, tal que a participação brasileira nas importações argentinas desse mesmo subsetor caiu de 38,7% para 9,9%. Ressalta-se, porém, que 9,3% do ganho total obtido pelas importações do mesmo subsetor de origem na China foi alcançado entre 2008 e 2009, e que, nesse mesmo período, as importações provenientes da economia brasileira perderam 10,3% de participação. Outro subsetor que apresentou um comportamento destacado, entre 2008 e 2009, foi o de fabricação de fios, cabos e condutores elétricos isolados. Ressalta-se que, entre 2004 e 2009, foi verificado para esse subsetor um ganho de mercado das importações provenientes da China da ordem de 18,8%, sendo que a perda de mercado das importações originadas no Brasil foi de 24,7 pontos percentuais. Todavia, 11,8% da perda de

participação das importações provenientes do Brasil ocorreram entre 2008 e 2009, mesmo período que as importações procedentes da China ganharam 4,9% de participação.

A situação das exportações brasileiras no seu segundo principal destino na região da América Latina – Venezuela – é mais preocupante do que a identificada na Argentina. Entre 2004 e 2009, as importações oriundas na economia brasileira cresceram a uma taxa média anual de 16,5%. Em contrapartida, as exportações chinesas destinadas à Venezuela alcançaram uma taxa média de crescimento anual de mais de 54%. Com isso, a participação das importações com origem no Brasil sobre o total importado pela economia venezuelana diminuiu, passando de 8,3%, em 2004, para 7,4% em 2009. Já a participação das importações que tiveram origem na China passou de 2,9%, em 2004, para 10,6% em 2009. É interessante notar que, no ano de agravamento da crise econômica internacional, 2009, as importações provenientes da China ganharam 0,8% de participação de mercado, enquanto as importações procedentes do Brasil perderam participação no total importado pela Venezuela na ordem de 0,9%. Não diferente do exposto à Argentina, a Tabela 8 mostra os principais subsetores em que se estabeleceu uma perda de participação das importações com origem no Brasil e um ganho de participação do mesmo agregado para o caso da China, considerando o total das compras externas do subsetor na Venezuela.

**Tabela 8 - Participação e variação da participação das importações provenientes do Brasil e da China no total importado de subsetores selecionados da Venezuela – 2004 e 2009**

Subsetor	Brasil		China		Var. Participação	
	2004	2009	2004	2009	Brasil	China
Tecelagem - Inclusive Fiação e Tecelagem	9,1%	4,2%	22,1%	29,3%	-5,7%	5,8%
Calçados	11,1%	8,6%	4,9%	25,7%	-2,6%	20,8%
Prod. de Madeira, Cortiça e Material Trançado – Exc. Móveis	37,8%	27,3%	7,0%	18,4%	-10,5%	11,4%
Fibras, Fios, Cabos e Filamentos Contínuos Artif. e Sint.	5,8%	1,4%	1,5%	24,8%	-4,4%	23,3%
Vidro e Produtos do Vidro	14,3%	5,6%	3,1%	22,9%	-8,7%	19,8%
Tanques, Caldeiras e Reservatórios Metálicos	9,2%	1,8%	4,4%	13,0%	-7,4%	8,6%
Máquinas-Ferramenta	12,8%	7,1%	4,4%	16,4%	-5,7%	12,0%
Máq. e Equip. de Uso na Extr. Mineral e Construção	22,2%	14,3%	3,1%	11,8%	-7,9%	8,7%
Outras Máquinas e Equipamentos de Uso Específico	15,9%	9,5%	2,6%	9,9%	-6,4%	7,3%
Eletrodomésticos	6,6%	3,4%	9,2%	19,5%	-3,2%	10,3%
Lâmpadas e Equipamentos de Iluminação	8,7%	1,5%	21,9%	44,8%	-7,2%	22,9%
Outros Equipamentos de Transporte	2,6%	0,3%	23,7%	50,0%	-2,3%	26,3%
Artigos do Mobiliário	8,3%	7,2%	8,4%	26,2%	-1,1%	17,8%

Fonte de dados brutos: Global Trade Information Services (GTIS).

Torna-se manifesto que as perdas para as importações provenientes do Brasil nos subsetores da Venezuela são menores do que as da Argentina. Esse fato é motivado pela menor participação de mercado das importações brasileiras no primeiro país sul-americano. Porém, alguns subsetores são coincidentes nos dois países da América do Sul: calçados; tecelagem; eletrodomésticos; lâmpadas e equipamentos de iluminação; e artigos do mobiliário. Verifica-se, de resto, que há significativos ganhos de mercado das exportações chinesas para Venezuela em subsetores não apontados à individualidade da economia argentina. É digno de atenção que a maioria desses subsetores pertence ao setor de máquina e equipamentos (máquinas-ferramenta, máquinas e equipamentos de uso na extração mineral e construção e outras máquinas e equipamentos de uso específico), de maneira que se têm, ainda, os setores de fabricação de produtos de metal (tanques, caldeiras e reservatórios metálicos); fabricação de produtos de minerais não metálicos (vidro e produtos do vidro); fabricação de outros equipamentos de transporte (outros equipamentos de transporte<sup>27</sup>); e fabricação de produtos químicos (fibras, fios, cabos e filamentos contínuos artificiais e sintéticos) com perda de participação das importações originadas no Brasil e ganhos de participação das importações resultantes da economia chinesa na Venezuela.

Ao considerar o efeito da crise internacional, enfatizando o desempenho das exportações da China e do Brasil direcionadas a Venezuela entre 2008 e 2009, assinala-se que as importações do subsetor vidro e produtos do vidro originárias na China apresentaram uma elevação de 10,7% na participação do total importado pela economia venezuelana do mesmo subsetor. Isto é, praticamente metade do ganho de mercado desse subsetor, entre 2004 e 2009, aconteceu no período da crise internacional, sendo que, nesse mesmo período e no mesmo subsetor, as importações procedentes do Brasil perderam 2,9% de participação. Ainda considerando o período de crise internacional, as importações chinesas do subsetor de fabricação de tanques, caldeiras e reservatórios metálicos obtiveram um ganho de mercado de 6,7% nas importações totais de idêntico subsetor venezuelano. Em contrapartida, nesse mesmo período, a perda de participação das importações brasileiras desse mesmo subsetor chegou a 6,8%.

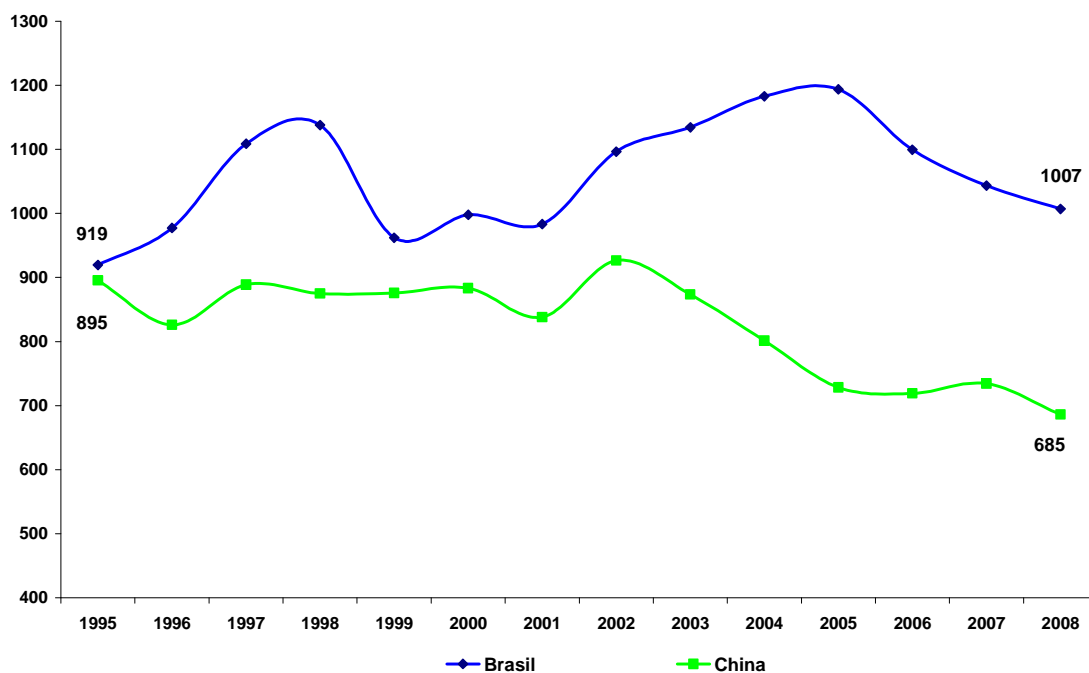
Com efeito, pode-se depreender duas especificidades das exportações chinesas nos dois principais mercados brasileiros na América Latina. A primeira diz respeito à capacidade das vendas externas chinesas se posicionarem de forma superior às exportações brasileiras no momento da crise internacional. Ressaltando-se que essa dinâmica já estava apontada na caracterização da tendência das

---

<sup>27</sup> Nesse subsetor, inclui-se a fabricação de motocicletas, bicicletas e triciclos não motorizados.

exportações chinesas de produtos industriais em todos os países latino-americanos, conforme o Gráfico 5. A segunda diz respeito à capacidade das exportações chinesas se expandirem na maioria dos subsetores industriais. Isso se torna ainda mais evidente quando se comparam os resultados apresentados nas Tabelas 7 e 8, em que se percebe um número considerável de subsetores não coincidente nas economias da Argentina e da Venezuela. Lembra-se que essa conjectura já era assinalada na seção anterior, onde se tratou do desempenho das exportações chinesas no mundo. Objetivando demonstrar a capacidade de não concentração setorial das exportações chinesas nos países latino-americanos, o Gráfico 7 mostra o índice de Herfindahl-Hirschman (HHI) das vendas externas desse país asiático e do Brasil voltado para América Latina.

**Gráfico 7 - Índice Herfindahl-Hirschman (HHI) de concentração setorial da pauta de exportações da China e do Brasil na América Latina - 1994 a 2008**



Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

Nota-se uma trajetória de leve concentração setorial nas exportações brasileiras destinadas à América Latina. O índice de Herfindahl-Hirschman, nesse caso, passou de 919, em 1994, para 1007, em 2008, determinando uma situação de pauta moderadamente concentrada. Já para dinâmica das exportações chinesas direcionada aos países latino-americanos, verifica-se um movimento de desconcentração setorial, sendo que o valor do HHI chegou a 685 no último ano avaliado. A conjuntura de concentração moderada estabelecida para as exportações do Brasil na América Latina é evidenciada

ao se assinalar que os quatro principais setores exportadores da economia brasileira na região mencionada representavam, em 2009, 53,8% do total das vendas externas do Brasil aos países latino-americanos. Por sua vez, esses quatro setores e suas respectivas participações individuais, nesse mesmo ano, são: fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias (22,6%); fabricação de produtos químicos (11,1%); máquinas e equipamentos (10,7%); e metalurgia básica (9,4%).

A leve concentração setorial ocorrida, nos anos destacados, foi causada, fundamentalmente, pela elevação da importância do último setor assinalado na pauta de exportações do Brasil na América Latina, ampliando sua participação em 3,5%, entre 1994 e 2008. Ao mesmo tempo, os outros três setores mencionados mantiveram sua participação, com exceção do setor de fabricação de máquinas e equipamentos, que perdeu 2,0% de participação. Além do setor de metalurgia básica, os outros setores que apresentaram maior ganho de relevância na pauta de exportações da economia brasileira na América Latina, no período examinado, foram: fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicação, que elevou sua participação em 4,0%; extração de petróleo e gás natural, que variou sua importância em 4,1%; e fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool, que saiu de uma participação de 0,2% em 1994, fixando-se em uma participação de 3,4% no último ano observado.

Os valores do HHI setorial das exportações chinesas e brasileiras nos países latino-americanos, em 1994, são semelhantes. Essa semelhança é motivada pelo fato de que os quatro principais setores exportados desse país asiático para América Latina detinham 51,6% do valor total exportado pela China, tal que, para o Brasil, o mesmo indicador foi de 52,1%. No entanto, como se pode notar no Gráfico 7, as exportações setoriais da China lograram um forte processo de desconcentração, em que os quatro principais setores exportados por esse país para América Latina representaram, em 2008, uma participação de 39,8% sobre o total das vendas externas chinesas na região fixada. Talvez mais importante do que essa capacidade de desconcentração da pauta exportadora foi a alteração da sua composição relativa, aumentando a importância de setores com produtos de maior valor agregado.

O movimento de agregação de valor nas exportações da China direcionadas aos países latino-americanos é evidenciado ao se perceber que, no primeiro ano da série considerada, os principais setores exportados são confecções de artigos de vestuário e acessórios; fabricação de produtos têxteis; preparação de couro e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados; e máquinas e equipamentos, sendo suas respectivas participações de 21,2%, 15,3%, 7,9% e 7,1%. Já em 2008, os quatro principais setores exportadores para América Latina são: fabricação de material eletrônico e de

aparelhos e equipamentos de comunicação; máquinas e equipamentos; fabricação de produtos químicos; e fabricação de produtos têxteis, sendo suas respectivas participações de 12,1%, 10,8%, 8,7% e 8,2%. Ou seja, tem-se uma diminuição da participação de setores intensivos em trabalho ampliando a importância de setores intensivos em fornecedores especializados e P&D.

Corroborando a trajetória de agregação de valor, entre 1994 e 2008 a pauta exportadora da economia chinesa na América Latina atenta-se para os setores que tiveram maior ganho de participação no total exportado por esse país à região especificada. Esses setores são: fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicação, que ampliou em 8,3% sua participação, chegando em 2008, como já registrado, como o principal setor exportador da China na América Latina; fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática, que aumentou sua importância em 6,4%; metalurgia básica, que alterou positivamente sua participação em 5,0%; e fabricação de produtos químicos, que, no último ano analisado, aparece na terceira posição dos principais setores exportados pelos chineses aos países latino-americanos, obtendo uma elevação na sua participação de 4,0%.

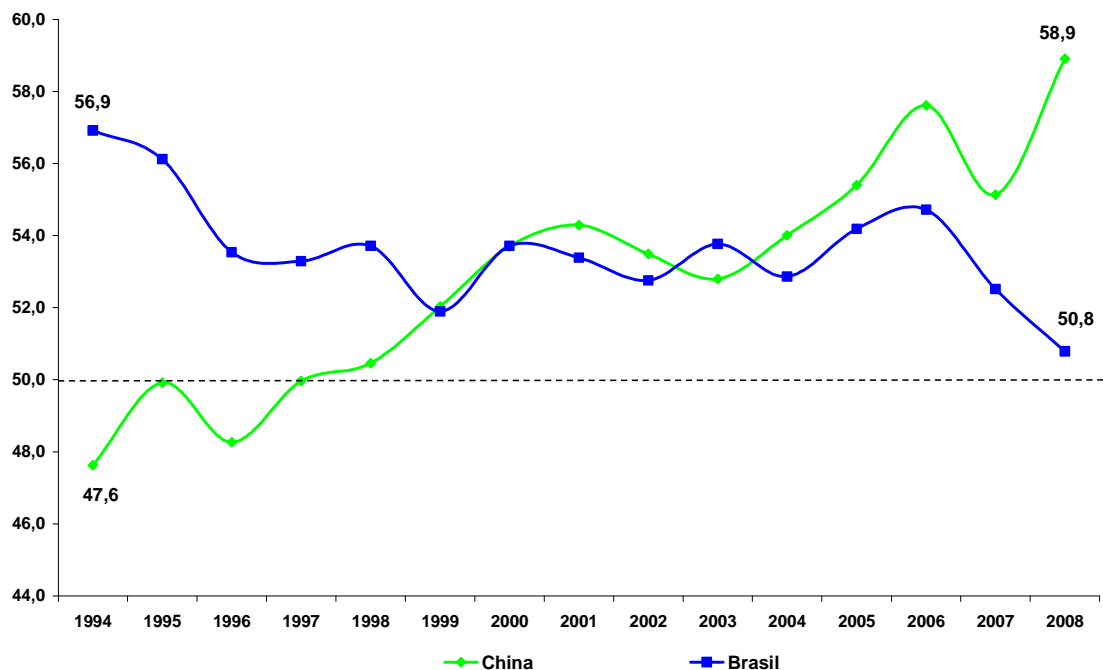
Em contrapartida, os setores que particularizaram as maiores perdas de participação, nos anos já definidos, nas exportações chinesas para América Latina, com suas correspondentes variações são: confecções de artigos de vestuário e acessórios (-14,2%); fabricação de produtos têxteis (-7,2%); e preparação de couro e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados (-3,7%). Nota-se, então, que as maiores perdas de importância concentram-se em setores intensivos em mão de obra, sendo que os setores com maiores ganhos de participação são os intensivos em P&D e produzidos por fornecedores especializados. É importante salientar que essa dinâmica de desconcentração setorial e agregação de valor na pauta exportadora da China já se observava quando se examinou a trajetória das exportações chinesas para o mundo, na seção anterior. No entanto, verifica-se que esses dois movimentos, desconcentração e agregação de valor à pauta exportadora, tornam-se muito mais profundos na particularização da América Latina.

Haja vista essa trajetória, pode-se concentrar a atenção no índice de complementaridade de comércio (ICC) da China e do Brasil com os países da América Latina, lembrado, novamente, que todos os indicadores dessa região desconsideram o efeito do Brasil. O ICC entre duas regiões é obtido, comparando-se a pauta de exportações direcionada ao mundo do país A com a pauta de importações totais do país B. Com isso, é possível verificar em que medida os produtos exportados pelo Brasil e pela

China para o mundo coincidem com os produtos importados de todo o mundo pelos países latino-americanos.<sup>28</sup>

Um ICC igual a zero significa que não há complementaridade entre as importações e as exportações das regiões analisadas. De outro modo, se esse indicador for igual a 100, quer dizer que as pautas são perfeitamente complementares. Ou seja, um país exporta exatamente aquilo que o outro deseja importar. O Gráfico 8 mostra a dinâmica do ICC da China e do Brasil com a América Latina

**Gráfico 8 - Índice de Complementaridade de Comércio – Brasil-América Latina e China-América Latina – 1994 a 2008**



Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

Com efeito, de modo geral, percebe-se uma elevação do ICC da China com os países latino-americanos e, ao mesmo tempo, uma diminuição nesse índice para a individualidade do Brasil nos mesmos países. De qualquer forma pode-se considerar que um valor do ICC acima de 50 pontos marca a qualidade de alta complementaridade. É essencial ressaltar, porém, que, em 2008, a complementaridade da América Latina com a China é maior do que a brasileira nessa região, sendo que, em 1994, esse país asiático apresentava um indicador abaixo de 50, e o Brasil um índice de 56,9 no

<sup>28</sup> Neste estudo, o índice é medido em nível de CNAE 1.0 subsetores três dígitos.



mesmo ano.<sup>29</sup> Em relação aos subsetores que obtiveram um aumento do ICC das exportações chinesas e as importações da América Latina, destaca-se o subsetor de fabricação de aparelhos, instrumentos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográficos, passando de um índice de 46,6, em 1994, para 87,5 em 2008. Essa elevação da complementaridade resultou em um crescimento médio anual das exportações chinesas desse subsetor para os países latino-americanos de mais de 35% nos anos delimitados. Com isso, o valor exportado pela economia chinesa na região especificada atingiu US\$ 1,5 bilhão no último ano considerado.

Outro subsetor que merece ser ressaltado é o de fabricação de produtos cerâmicos,<sup>30</sup> atingindo, em 2008, um ICC igual a 59,0, tal que, entre esse ano e 1994, variou sua complementaridade em 36,1 pontos. Com isso, a participação das importações provenientes da China desse subsetor sobre o total importado pela América Latina do mesmo subsetor passou de 3,8% para 28,2%, no período definido. Cabe lembrar, ainda, a elevação de mais de 32 pontos do ICC da China com os países latino-americanos do subsetor de fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica, alcançando, em 2008, um índice de 76,6. Não diferente do que ocorreu com os outros subsetores citados, a elevação da complementaridade do subsetor de fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica fez com que a taxa de crescimento média anual das exportações chinesas desse subsetor direcionada para América Latina chegasse a 44%.

Ao se comparar os três subsetores em que ocorre um aumento de complementaridade entre a economia chinesa e os países latino-americanos e o mesmo indicador para economia brasileira percebe-se algum ponto de atrito nos subsetores fabricação de produtos cerâmicos e fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica.<sup>31</sup> No primeiro setor, o ICC entre o Brasil e a região estudada, em 2008, foi de 60,7, elevando-se apenas 4,7 pontos entre os anos determinados no Gráfico 8. Assim, mesmo com uma complementaridade elevada, a participação das importações desse subsetor provenientes do Brasil no total das compras externas da América Latina do mesmo subsetor

---

<sup>29</sup> A redução da complementaridade entre o Brasil e a América Latina, a partir de 2006, é explicada pela crescente concentração da pauta exportadora brasileira em *commodities*, enquanto as pautas de exportação chinesa e de importação latino-americana tornam-se mais complementares, pois ambas são intensivas em produtos industrializados.

<sup>30</sup> Inclui os produtos não refratários para uso na construção civil e os produtos cerâmicos refratários.

<sup>31</sup> O subsetor fabricação de aparelhos, instrumentos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográfico apresenta um ICC do Brasil com a América Latina razoavelmente baixo, no qual esse indicador, em 2008, chegou a 30,0 pontos.

ficou, praticamente, estável entre 1994 e 2008, passando de 10,8% para 11,2%. Já no subsetor de fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica, no último ano avaliado, o IC do Brasil com os países latino-americanos apresentou um valor de 66,7 pontos, novamente, índice consideravelmente elevado. Todavia, a importância das importações provenientes do Brasil no total importado desse subsetor pela América Latina caiu de 3,8% para 2,8% entre 1994 e 2008. Essa dificuldade de ampliar a participação no total importado dos países latino-americanos nos subsetores onde o ICC da economia brasileira e dessa região é elevado mostra a dificuldade que as empresas nacionais estão tendo com o posicionamento da China na América Latina.

Entre os subsetores em que o Brasil obteve uma elevação no ICC com a região analisada, destacam-se: fabricação de produtos derivados de petróleo, que obteve crescimento do seu índice de 47,5 pontos, chegando, em 2008, com uma complementaridade de 85,7; fabricação de artefatos diversos de papel, papelão, cartolina e cartão, que alterou seu ICC em 51,5 pontos, atingindo, no mesmo ano definido anteriormente, um índice de 80,4; e pecuária, que, no último ano do Gráfico 8, obteve um ICC de 68,8, com uma variação, entre 1994 e 2008, de 36,3 pontos. Em relação ao primeiro subsetor assinalado, nota-se uma perda de participação, entre 1994 e 2008, de mais de 8,0% das importações oriundas do Brasil no total importado pela América Latina do mesmo subsetor, atingindo, no último ano citado, 1,1% de participação. Já para o subsetor de fabricação de artefatos diversos de papel, papelão, cartolina e cartão, nos mesmos anos apontados, tem-se a mesma trajetória: ocorre uma perda de participação das importações provenientes da economia brasileira sobre o total das compras externas da região analisada, considerando o mesmo subsetor, de 2,4%, proporcionando às importações decorrentes da economia brasileira uma participação de 3,3% em 2008.

A dinâmica do subsetor de pecuária<sup>32</sup> se mostra divergente da apresentada para os dois últimos subsetores. Tem-se, então, um forte crescimento das exportações brasileiras destinadas aos países latino-americanos, atingindo uma taxa média anual de 31,4%. Esse crescimento levou a participação das importações provenientes do Brasil no total das compras externas da América Latina de pecuária a alcançar um patamar de 41% em 2008. Observa-se, portanto, que somente o subsetor de pecuária teve êxito em aumentar o ICC com a América Latina e, ao mesmo tempo, ganhar participação no total importado pela região do subsetor. Assim, pode-se depreender duas conjecturas quanto à queda de complementaridade do Brasil com a América Latina. A primeira observa que a trajetória de elevar a

---

<sup>32</sup> Lembra-se que esse subsetor é composto por animais vivos.

presença de produtos intensivos em recursos naturais na pauta exportável total brasileira define uma queda no ICC do Brasil com regiões que apresentam tendência de importar produtos industriais, mais especificamente, as economias latino-americanas. A segunda está intimamente ligada à primeira, pois considera os movimentos de ICC do Brasil com a América Latina em um plano subsetorial. Ou seja, ao se notar que o subsetor fabricação de produtos derivados de petróleo foi o que alcançou maior ganho de complementaridade entre as exportações brasileiras e as compras externas dos países latino-americanos, apesar da especialidade das vendas externas do Brasil nessa região ser de produtos manufaturados, crê-se, que a elevação da complementaridade foi originada pelo aumento da participação relativa desse subsetor na pauta de exportações brasileira.

Até aqui, observaram-se movimentos mais gerais das pautas exportadoras do Brasil e da China para América Latina, apontando setores e subsetores que se mostram mais pertinentes. Todavia, o próximo indicador a ser decomposto contempla uma abordagem subsetorial, definindo ganhos e perdas de um conjunto de subsetores presentes nas exportações brasileiras e chinesas destinadas aos países latino-americanos. Para tanto, utiliza-se a medida do efeito competitividade, associada às alterações no *market-share* e no valor exportado do Brasil e da China individualizado por subsetores. Esse efeito é calculado pela diferença entre o valor efetivamente exportado de cada subsetor pelas economias chinesas e brasileiras no último ano analisado e o valor que deveria ser exportado para que cada país mantivesse o mesmo *market-share* do ano inicial da análise. Com isso, se o efeito competitividade é igual a zero, tem-se um ganho de competitividade nulo, esse efeito medirá o ganho ou a perda líquida de competitividade de cada subsetor exportado pelo Brasil ou pela China para América Latina.<sup>33</sup> Ainda seria possível considerar os efeitos do produto e do mercado nas variações das participações setoriais, porém, para a especificidade da comparação do desempenho das exportações chinesas e brasileiras, o efeito competitividade é suficiente.

A Tabela 8 apresenta o efeito competitividade de subsetores selecionados. Salienta-se que a definição desses subsetores teve como padrão aqueles que lograram um ganho líquido de competitividade médio superior a US\$ 10 milhões/ano para a economia brasileira *ou* para a economia chinesa, entre os anos 1994 - 2008, denominado de *período longo*. A coluna “País” aponta quando Brasil e/ou China tiveram o ganho mencionado. Estabeleceu-se o intervalo entre 2003 a 2008, chamado de *período curto*, como delimitador de mais um período de análise, pois, como se demonstrou

---

<sup>33</sup> Para mais detalhes, ver Leamer e Stern, *Quantitative international economics* (1970), e Jorge Chami Batista, *Desvalorização cambial e as exportações brasileiras para os Estados Unidos* (ano). FALTA.

anteriormente, em 2003 nota-se uma mudança de trajetória da tendência das exportações industriais brasileiras destinadas à América Latina, tornando o período após esse ano importante para exame.

**Tabela 9 - Ganho e perda de competitividade de subsetores selecionados das exportações brasileiras e chinesas na América Latina – 2008-1994 e 2008-2003 – US\$ mil/ano**

País	Subsetor	China (US\$ mil/ano)		Brasil (US\$ mil/ano)	
		2008-1994	2008-2003	2008-1994	2008-2003
BR	Extração de Petróleo e Gás Natural	8	-147	121.942	207.429
BR	Pecuária	-241	-846	30.363	77.845
BR	Abate e Preparação de Produtos de Carne e de Pescado	9.404	14.644	25.024	-8.949
BR	Tratores e Máquinas e Equipamentos para a Agricultura	4.103	9.666	22.403	10.579
BR	Sabões, Deterg., Prod. de Limpeza e Art. de Perfumaria	5.093	7.265	21.977	33.016
BR	Laticínios	1.384	3.836	17.270	45.550
BR	Construção, Montagem e Reparação de Aeronaves	177	67	14.474	21.165
BR	Lavouras Temporárias	2.093	-23.802	13.302	5.599
BR	Produção de Álcool	0,00	-0,04	12.835	28.334
BR/CH	Automóveis, Caminhonetas e Utilitários	20.983	55.648	182.257	62.840
BR/CH	Defensivos Agrícolas	23.701	38.549	13.261	37.587
BR/CH	Metalurgia de Metais Não Ferrosos	31.254	63.946	28.019	62.699
BR/CH	Máq. e Equip. Uso na Ext. Mineral e Construção	33.991	85.410	19.732	-15.981
BR/CH	Fios, Cabos e Condutores Elétricos Isolados	51.640	97.325	10.303	22.656
BR/CH	Artigos de Borracha	62.156	115.194	11.681	61.041
BR/CH	Produtos Químicos Inorgânicos	62.379	109.232	13.670	23.164
BR/CH	Calçados	64.707	43.321	12.495	-20.315
BR/CH	Produtos Farmacêuticos	127.422	258.534	14.349	-22.359
BR/CH	Telefonia, Radiotelefonia e Trans. de Televisão e Rádio	508.102	1.135.711	137.401	211.079
BR/CH	Construção e Reparação de Embarcações	12.933	35.239	14.474	21.165
CH	Acessórios do Vestuário e de Segurança Profissional	11.772	27.313	31	204
CH	Fibras, Fios, Cabos e Filamentos Contínuos Artif. e Sint.	10.060	25.231	-498	-6.127
CH	Máquinas para Escritório	15.045	12.003	3.421	11.244
CH	Prod. de Madeira, Cortiça e Mat. Trançado – Exc. Móveis	16.409	34.770	-4.284	-291
CH	Material Elétrico para Veículos – Exc. Baterias	18.212	43.055	2.269	34.570

Continuação...

País	Subsetor	China (US\$ mil/ano)		Brasil (US\$ mil/ano)	
		2008-1994	2008-2003	2008-1994	2008-2003
CH	Instrumentos para Usos Médicos-Hospitalares *	18.814	40.748	-378	8.698
CH	Produtos e Preparados Químicos Diversos	20.064	25.284	-10.103	-8.317
CH	Resinas e Elastômeros	20.872	45.757	-28.650	3.946
CH	Aparelhos e Instrumentos de Medida, Teste e Controle **	22.238	45.449	-1.689	5.503

CH	Vidro e de Produtos do Vidro	23.803	41.828	2.364	14.271
CH	Caminhões e Ônibus	24.163	65.109	-18.779	113.127
CH	Outros Equipamentos e Aparelhos Elétricos	27.232	44.297	-2.540	4.522
CH	Equip. para Distribuição e Controle de Energia Elétrica	27.319	51.905	-4.131	14.290
CH	Pilhas, Baterias e Acumuladores Elétricos	30.651	51.942	3.124	16.465
CH	Artefatos Têxteis a Partir de Tecidos – Exc. Vestuário	30.934	70.335	7.124	28.406
CH	Máquinas-Ferramenta	32.850	66.920	3.614	2.560
CH	Tubos - Exceto em Siderúrgicas	35.126	85.877	9.778	34.031
CH	Tecidos e Artigos de Malha	38.251	61.283	-9.609	2.648
CH	Produtos Cerâmicos	38.334	82.600	666	1.285
CH	Artigos para Viagem e de Artefatos Diversos de Couro	39.109	46.725	1.830	6.885
CH	Art. de Cutelaria, de Serralheria e Ferram. Manuais	44.051	91.996	-7.021	21.968
CH	Artigos do Mobiliário	48.196	93.608	7.410	28.976
CH	Outras Máquinas e Equipamentos de Uso Específico	48.760	111.798	5.892	18.391
CH	Produtos Químicos Orgânicos	50.500	59.900	-22.396	23.443
CH	Peças e Acessórios para Veículos Automotores	55.711	136.154	-124.549	270.715
CH	Tecelagem - Inclusive Fiação e Tecelagem	58.492	110.611	4.454	6.899
CH	Lâmpadas e Equipamentos de Iluminação	58.511	71.484	-2.461	-1.481
CH	Motores, Bombas, Comp. e Equip. de Transmissão	78.693	142.070	-3.026	55.897
CH	Produtos Diversos de Metal	82.944	172.942	-367	33.517
CH	Outros Equipamentos de Transporte	84.334	108.130	7.655	4.778
CH	Eletrodomésticos	85.983	130.241	-2.803	-22.110
CH	Produtos de Plástico	89.971	172.458	2.847	47.048
CH	Aparelhos Ópticos, Fotográficos e Cinematográficos	91.916	114.099	-6.059	-8.273
CH	Confecção de Artigos do Vestuário	96.984	154.763	-2.625	-1.039
CH	Máquinas e Equipamentos de Uso Geral	116.118	252.846	-12.695	9.604
CH	Geradores, Transformadores e Motores Elétricos	116.438	206.431	-5.565	45.015
CH	Siderurgia	117.106	315.229	-76.199	411
CH	Material Eletrônico Básico	182.325	270.257	-10.083	-8.248
CH	Rádio, Televisão, Som e Vídeo	424.964	458.761	8.269	-40.883
CH	Equip. de Sistemas Eletrônicos para Proc. de Dados	580.361	640.900	433	-5.275
<b>Total - Todos os Subsetores</b>		<b>4.445.013</b>	<b>7.428.127</b>	<b>110.019</b>	<b>1.768.881</b>

Fonte de dados brutos: UN Comtrade.

Nota: \*esse subsetor inclui aparelhos e instrumentos para usos médico-hospitalares, odontológicos e de laboratórios e aparelhos ortopédicos; \*\*exceto equipamentos para controle de processos industriais.

Indica-se, então, que ao considerar o período longo, 9 subsetores foram selecionados pelos ganhos de competitividade exclusiva das exportações brasileiras; 11 subsetores aparecem com valores de ganhos de competitividade superior a US\$ 10 milhões/ano para os dois países; e um total de 40

acabaram definidos pelos ganhos de competitividade das exportações chinesas. Esse resultado já manifesta a superioridade, em termos de competitividade, das exportações da China nos países latino-americanos frente o mesmo agregado para o caso do Brasil. Com isso, tem-se um ganho líquido de competitividade total (computando inclusive os subsetores que não estão selecionados na Tabela 8) da China, no período longo, de US\$ 4.445 milhões/ano, acumulando, no período como um todo, um ganho líquido de US\$ 62,2 bilhões. Em contrapartida, o ganho líquido de competitividade total das exportações brasileiras na região demarcada chegou a US\$ 110 mil/ano, acumulando um valor de 1,5 bilhão. Ao se comparar esses dois ganhos, tem-se uma superioridade das exportações chinesas na América Latina de mais de quarenta vezes que as vendas externas brasileiras direcionadas para a mesma região. Lembra-se que esse padrão de desempenho superior das exportações chinesas já estava definido na série de indicadores apresentada anteriormente.

Caracteriza-se, todavia, uma sensível melhora no ganho líquido de competitividade total das exportações brasileiras no chamado período curto, ou seja, após 2003. Esse valor chega a US\$ 1.769 milhões/ano, acumulando, entre 2003 e 2008, um valor de US\$ 8,9 bilhões. Não obstante essa recuperação da competitividade das exportações do Brasil nos países latino-americanos, o ganho líquido de competitividade total da China ainda foi muito superior, alcançando US\$ 7.428 milhões/ano, somando um ganho em todos os anos do período curto de US\$ 37,1 bilhões. Percebe-se, com isso, que o ganho líquido de competitividade total do período longo das exportações chinesas na América Latina encontra-se bem distribuído, e que 67% desses ganhos foram obtidos no período curto. Já na caracterização das exportações brasileiras, nota-se uma forte concentração de ganhos líquidos de competitividade total no período curto.

No que tange aos subsetores selecionados somente pelos ganhos de competitividade das exportações brasileiras, que somam um total de nove, indica-se uma concentração naqueles intensivos em recursos naturais, sendo o subsetor que obteve maior ganho de competitividade no período longo o de extração de petróleo e gás, elevando seu ganho no período curto. Os únicos subsetores, desse conjunto de nove que não estão relacionados com especificidade de intensivos em recursos naturais são: tratores e máquinas e equipamentos para a agricultura; construção, montagem e reparação de aeronaves; e sabões, detergente, produtos de limpeza e artigos de perfumaria. Salienta-se que o primeiro subsetor apontado é formado por multinacionais, e o segundo subsetor está ancorado no desempenho de uma única empresa.

Ao se examinar os subsetores selecionados e que se mostraram presente nas exportações do Brasil e da China, somente dois deles indicaram um desempenho favorável à economia brasileira, fixando os anos de 1994-2008. O primeiro é o subsetor de fabricação de automóveis, caminhonetas e utilitários, de maneira que, no período curto, os ganhos de competitividade das exportações chinesas se aproximam daqueles atingidos pelas exportações brasileiras. Já o segundo subsetor é o de construção e reparação de embarcações, para o qual a competitividade das exportações brasileiras já não apresenta um desempenho superior às vendas chinesas na América Latina entre os anos 2003-2008. Pode-se ressaltar, no interior desse grupo de subsetores, o de fabricação de equipamentos de telefonia, radiotelefonia e transmissão de televisão e rádio, em que se contemplou o maior ganho e competitividade das exportações brasileiras. Não obstante esse resultado, tem-se um ganho de competitividade das exportações chinesas de mais de três vezes, no período longo, e de mais de cinco vezes, no período curto, que o ganho de competitividade alcançado pelas exportações brasileiras nesse subsetor.

Entre os subsetores definidos, exclusivamente, pelo desempenho das exportações chinesas, pode-se destacar os ganhos de competitividade, no período longo, dos subsetores de fabricação de equipamentos de sistemas eletrônicos para processamento de dados; fabricação de aparelhos de rádio, televisão, som e vídeo; siderurgia; fabricação de máquinas e equipamentos de uso geral,<sup>34</sup> fabricação de geradores, transformadores e motores elétricos; e fabricação de material eletrônico básico, tal que, ainda, aumentaram seu ganho de competitividade médio anual no período curto. Adicionalmente, nota-se um desempenho muito limitado das exportações brasileiras nesses subsetores, com exceção do subsetor de fabricação de geradores, transformadores e motores elétricos, que conseguiu uma forte recuperação entre os períodos longo e curto.

Ao se comparar os ganhos de competitividade das exportações brasileiras e chinesas somente no período 2003-2008-, apreende-se uma peculiaridade. Nota-se que os subsetores que apresentaram um ganho de competitividade favorável ao Brasil estão relacionados, fundamentalmente, à cadeia produtiva de fabricação de automóveis, ônibus e caminhões (peças e acessórios para veículos automotores, caminhões e ônibus, automóveis, caminhonetas e utilitários). Enfim, observa-se que a competitividade das exportações brasileiras frente às chinesas na América Latina torna-se maior nos

---

<sup>34</sup> Esse subsetor compreende a fabricação de estufas, secadores, evaporadores, trocadores de calor, fornos não elétricos, aparelhos e equipamentos para instalação térmica em cozinhas industriais e aparelhos e equipamentos para instalação térmica alimentados por energia solar.

subsetores intensivos em recursos naturais, na fabricação de tratores e implementos agrícolas e no setor de aviação. Após 2003 tem-se uma recuperação da competitividade da cadeia automotiva, incluindo a fabricação de peças e acessórios. Nos outros subsetores, principalmente, eletroeletrônico, máquinas e equipamentos e intensivos em mão de obra, a competitividade chinesa é francamente favorável. Ou seja, dos sessenta subsetores mostrados na Tabela 9, as exportações brasileiras tiveram um ganho de competitividade superior ao da China em apenas dez. Lembra-se que essa capacidade da economia chinesa de diversificar e agregar valor à pauta de exportação para América Latina, evidenciada nesse padrão de competitividade subsetorial, já tinha sido apontada anteriormente, quando se observaram as vendas externas desse país no mundo.

Em resumo, a tendência das exportações chinesas de produtos industrializados direcionados à América Latina proporcionou um desempenho superior ao mesmo agregado quando considerada a economia brasileira. Esse movimento superior da tendência das exportações industriais chinesas é aprofundado a partir de 2005, mesmo com uma alteração positiva na taxa de crescimento da tendência das exportações brasileiras dos setores industriais aos países latino-americanos em 2003. Não obstante essa mudança de trajetória, tem-se que, no 2º trimestre de 2007, o valor da tendência das exportações industriais da China para América Latina identifica-se como maior do que o das brasileiras. Adicionalmente, percebe-se, associada a essa dinâmica virtuosa da tendência das exportações chinesas de produtos totais aos países latino-americanos, uma elevação da participação das importações totais provenientes desse país asiático sobre o total importado pela América Latina. Amplia-se, também, a intensidade de comércio entre essas duas regiões. Para a especificidade da participação das importações originárias na economia brasileira sobre o total importado pelos países latino-americanos e o IIC do Brasil com a região detalhada, observou-se uma estagnação entre 1994 e 2008.

Em relação à qualidade das exportações chinesas na América Latina, indicou-se um movimento de desconcentração setorial e, ao mesmo tempo, um aumento da participação relativa de setores com maior valor agregado na pauta exportada desse país para a região latino-americana, considerando os anos abordados neste trabalho. Esse movimento de desconcentração das vendas externas da economia chinesa na América Latina não se restringiu apenas à questão setorial, a partir de 2004 tem-se uma tendência de desconcentração das exportações da China dos seus três principais parceiros latino-americanos. Em contrapartida, reconhece-se uma suave concentração setorial da pauta exportadora do Brasil na América Latina, sendo que, em relação aos destinos, observou-se uma forte concentração dessas exportações nos países sul-americanos, mais individualmente na Argentina.



Esse desempenho superior das exportações chinesas na América Latina frente às vendas externas do Brasil nos mesmos países acaba sendo suportado pelo ICC desses dois países com a região latino-americana. Percebeu-se, então, uma elevação desse indicador entre a China e a América Latina e uma situação inversa a essa para o caso do Brasil com a mesma região. Já em termos subsetoriais, contemplou-se ganho de competitividade nas exportações brasileiras, basicamente, em setores intensivos em recursos naturais, tratores e equipamentos agrícolas e aviação, sendo que, no período recente, entre 2008-2003, a cadeia automobilística esboça uma recuperação. Já nos outros setores, as exportações chinesas obtiveram uma ampla vantagem. Com isso, chega-se a um resultado de ganho líquido de competitividade das exportações chinesas na América Latina ao se considerar todos os subsetores exportados no período 2008-1994, quarenta vezes superior ao mesmo indicador para economia brasileira.

## **Considerações Finais**

Este trabalho abordou o desempenho exportador da China e do Brasil na América Latina. Iniciou-se por uma qualificação sobre a importância do setor externo para a dinâmica de crescimento da China. Verificou-se que a FBCF tem tido uma contribuição superior ao das exportações líquidas na determinação da variação do PIB. Isso não significa que as exportações são pouco importantes. Na verdade, sua relevância pode ser mais bem apreendida quando se verifica a caracterização esboçada na seção 2 sobre o crescimento com ou sem pressões sobre o balanço de pagamentos. No segundo caso, verifica-se um quadro de maior sustentabilidade na dinâmica financeira externa, à medida que o crescimento com pressões no balanço de pagamentos pode originar crises financeiras.

Para evidenciar tais padrões, buscou-se uma relação entre os anos em que ocorreu uma aceleração do crescimento econômico da China, haja vista a média histórica desse indicador, e os movimentos das exportações líquidas. Definiram-se, então, dois períodos: um delimitado entre 1981 e 1993, chamado de “crescimento com pressão no BP”; e outro delimitado entre 1999 e 2009, estabelecido como de “crescimento sem pressão no BP”. Porém, ao se caracterizar o desempenho das exportações e da FBCF nos anos demarcados como de “crescimento sem pressão no BP” para o crescimento do PIB desse país oriental, notou-se uma perda de relevância relativa das exportações. Assim, sabendo da função das vendas externas de uma região para o crescimento econômico e para o fechamento do balanço de pagamentos, associada à conjuntura internacional desfavorável para os

principais parceiros comerciais da China, apontou-se para uma importante hipótese norteadora do trabalho: o cenário pós-crise implica maior necessidade para a economia chinesa diversificar seus mercados de destino para além dos tradicionais mercados de países desenvolvidos. Nesse sentido, a América Latina seria um alvo prioritário.

A fim de verificar a pertinência dessa hipótese, realizou-se uma breve comparação entre a dinâmica das exportações da China para o mundo e as voltadas para América Latina. Percebeu-se um forte movimento de desconcentração quanto ao destino na pauta exportadora chinesa. Da mesma forma, não se verificou uma concentração dessa pauta em nível setorial. Vale dizer, é razoável assumir que os estrategistas chineses, conscientes dos riscos associados ao excesso de dependência de poucos destinos e/ou setores, têm por horizonte estimular aquela diversificação. Adicionalmente, notou-se uma tendência de agregação de valor aos produtos exportados pela China, onde os produtos intensivos em mão de obra perdem importância relativa nas vendas externas desse país, e os produtos intensivos em P&D, escala e fornecedores especializados elevam o seu *market-share* no total exportado da economia chinesa.

Assinalou-se, na quarta seção deste trabalho, um desempenho francamente favorável das exportações chinesas na América Latina, quando comparado à trajetória das vendas externas brasileiras para mesma região. A tendência estimada das exportações industriais chinesas já apresentava um valor superior à alcançada pela tendência brasileira no 3º trimestre de 2005. No ano de agravamento da crise econômica, 2009, logrou uma dinâmica superior àquela atingida pelas exportações indústrias brasileiras na região latino-americana. Além disso, indicou-se uma forte desconcentração setorial na pauta exportadora da China voltada para América Latina, movimento muito mais profundo do que o ocorrido mundialmente. No entanto, como observado na pauta de exportação chinesa no mundo, tem-se para a individualidade das vendas externas desse país asiático na América Latina maior agregação de valor. Em contrapartida, percebe-se uma suave trajetória de concentração da pauta exportadora do Brasil na região latino-americana. Quanto aos destinos, as exportações da economia brasileira na América Latina são profundamente dependentes do continente sul-americano, mais pontualmente da Argentina, sendo que, na caracterização das exportações chinesas, observa-se um padrão mais descentralizado no que tange aos continentes latino-americanos.

Considerando as evidências dos indicadores favoráveis às exportações chinesas na América Latina frente às exportações brasileiras, particularizou-se uma elevação da complementaridade de comércio entre a China e os países latino-americanos, trajetória inversa àquela estabelecida para o

Brasil. Adicionalmente, em uma perspectiva subsetorial, as exportações brasileiras apresentam ganho de competitividade superior ao atingido pelas exportações chinesas na América Latina em setores intensivos em recursos naturais, no subsetor de fabricação de tratores e implementos agrícolas, dominado por multinacionais, ou, então, no setor de aviação, dependente de uma única empresa. Já no período recente, entre 2003-2008, percebe-se um ganho de competitividade superior nas exportações brasileiras frente às chinesas na região delimitada na cadeia automotiva. Em todos os outros subsetores, os ganhos de competitividade das exportações da China são superiores.

Sabe-se que a região latino-americana absorve boa parte das exportações industriais do Brasil. Ao se deparar com a situação apresentada ao longo deste trabalho, acredita-se na necessidade de definições, no curto prazo, de políticas econômicas voltadas para ampliar as exportações brasileiras de produtos industrializados. Para tanto, crê-se que é fundamental uma diferenciação setorial nessas políticas, tornando explícitos os setores com potencialidade de ganho de escala no comércio internacional e aqueles setores onde se enxerga competência em nichos de mercado. Sabe-se, então, que para o primeiro caso é indispensável a obtenção de custos médios reduzidos, alavancando os seus ganhos a partir da conquista de grandes participações de mercado. Já para setores que operariam em nichos de mercado, tem-se que a necessidade de grandes participações de mercado torna-se menor, sendo que a questão da diferenciação de produto faz-se essencial. O estabelecimento dessas definições criaria, de imediato, estratégias de políticas às exportações brasileiras orientadas setorialmente, conforme a competitividade e a estrutura produtiva do setor.

Adicionalmente, para o cumprimento dessas políticas, é básica a integração das instituições que, de alguma forma, fomentam as vendas externas da economia brasileira. Ou seja, não se pode pensar em políticas econômicas eficientes sem uma linha-mestra comum, passando pela preparação das empresas, pelo incentivo à inovação tecnológica, pelos benefícios fiscais, pela concessão de crédito, pelos acordos comerciais, pela criação das zonas de processamento de exportação, pela caracterização do tipo de promoção comercial no exterior, entre outros meios de estímulo às exportações, em que os agentes econômicos que operariam esses instrumentos atuariam de forma conjunta e orquestrada.